

ANO III N.º 133
2
DE DEZEMBRO
1943
PREÇO AVULSO
E S. C. 1 \$ 5 0

IMPÉRIO ARGENTINA
vai revolucionar o cinema
português!...



VER REPORTAGEM NAS PÁG. 8-9

**VIDA
MUNDIAL**

ILUSTRADA

SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

Romances

ignorados

DOMINGO. O circo está cheio. Lotação completamente esgotada. Bilhetes vendidos pelo dobro do preço. Noite grande. Cabeças empilhadas, olhos suspensos, corações excitados... Lá em cima, bem junto à cúpula, dois homens e uma mulher jogam as vidas em exercícios duma emoção diabólica. O público quasi não respira. Na primeira fila das poltronas, o senhor advogado esquece os clientes, as causas, os processos. Filas atrás, nas cadeiras simples, um parzinho de enamorados entrelaça as mãos, muito, muito. Pelos camarotes há lençinhos amarratados, lábios sem cor, peitos trémulos. Ao fundo, na geral, a ansiedade é ainda maior, mais sincera. Mesmo sem querer, curvo-me para a frente numa expectativa forte... Mas o número acaba. Os artistas descem sorrindo, sorrindo — como se aquilo fosse fácil e natural. Os aplausos envolvem-nos. Toda a gente está unida naqueles aplausos. As mãos dos ricos e dos jornaleiros, das senhoras donas e das varinas, das meninas finas e dos miúdos maltrapilhos... No meio da pista, os dois homens e a mulher agradecem ainda. Parecem novos, fortes, saudáveis. Têm uns «smallots» bordados a ouro. No seu sorriso paira a certeza da vitória... Tudo falso! A mulher já passou dos quarenta anos. A sua vida está presa à vida de três filhos pequenos. Um dos homens voltou há meses do sanatório. O outro talvez vá para lá em breve. O fio amarelo que limita o bordado a ouro nos «smallots» está gasto e a desfazer-se... Tudo falso! Mas ali, em plena pista, tudo parece verdadeiro. E o público não sabe dos romances ignorados. Pagou o seu dinheiro — exige um bom espectáculo! E o espectáculo continua... Um palhaço passa em cabriolice. As crianças riem. Penso que os palhaços foram feitos de propósito para as crianças. Bonecos de carne — eis o que são os palhaços! E, depois, logo a seguir, surge uma rapariguinha de olhos tristes. A rapariguinha é equilibrista. Os seus números não têm o aparato, a emoção dos números anteriores com que o trio de artistas audaciosos havia dominado os espectadores. O público quer mais, melhor, pagou o seu bilhete por bom preço. E eu sinto que a rapariguinha se enerva. Ela compreende o retraimento do público. E torna-se arrojada. É preciso tornar-se arrojada. Agora, executa um exercício complicado, em que toda a atenção é pouca. De longe o empresário não a desfia. A rapariguinha sabe que luta por mais uns dias de trabalho, pelo pão de mais uns dias. Mas ela não está bem segura de si própria. Os nervos atalçoam-na. Vacila, desequilibra-se, tenta segurar-se. Em vão! Ela cai, ouvem-se pequenos gritos de susto, o pessoal da pista acorre. Está ferida. Sai em braços — deixando um rasto de mal estar. Depressa, as gótiças de sangue são cobertas por areia. E o espectáculo segue... Que verdadeiramente, verdadeiramente, o grande público não chegou a emocionarse. Se o desastre houvesse acontecido antes no número dos voadores diabólicos, a toda a altura, mesmo junto à cúpula — então, sim teria sido um grande desastre... Mas, daí a pouco, já o homem que engole fogo e vidros partidos bocados de pele é o novo idolo dos espectadores. E quando o espectáculo termina, poucos reparam numa figurinha, simples, quasi escondida, amparada pelo porteiro e sentada nos degraus da escadaria. É a pequena equilibrista. Está ali, há mais duma hora, à espera que apareça um médico ou um enfermeiro... Passo por ela, sinto vontade de lhe dizer qualquer coisa, talvez um incitamento, palavras de esperança — mas calo-me. E vejo os seus olhos, mais tristes do que nunca. Aquêlê é outro dos ignorados romances do circo. Romances ignorados. Sim, amanhã, nem o senhor advogado das poltronas, nem o parzinho enamorado, nem as meninas dos camarotes nem mesmo o público da geral — se lembram da rapariguinha equilibrista. Mas eu não esqueço e por isso lhe dedico esta crónica!

GENTIL MARQUES

ESTRATÉGIA... LÊ-SE MUITO NOS JARDINS DE LISBOA...

FOTO DE JOÃO MARTINS



POIS é verdade, os bonitos e floridos jardins de Lisboa não servem apenas de poético refúgio, onde os molinhos trocam os seus segredos de amor, ou de recinto alegre, onde as crianças brincam à vontade ou ainda, de reñhos. Servem também de biblioteca. E através dos últimos anais do Município de Lisboa, verifica-se esta consoladora revelação: lê-se muito nos jardins. Basta accentuar que os leitores, ao piorar o número de leitores de bibliotecas fechadas, atendendo a que as bibliotecas dos jardins funcionam muito menos tempo. Porquê? Eis uma pergunta a que não sabemos responder. No último ano, o jardim mais concorrido pelos amadores da leitura foi o de Teófilo Braga, em Campo de Ourique, logo seguido pelo de «França Borges», na Praça do Rio de Janeiro. Os assuntos mais preferidos foram incontestavelmente «jornais» e «literatura várias». E — como é de prever — os estudantes bateram o «reco» de leitura, com um total de 70.182.



HA 138 ANOS MORRIA BOCAGE

FOI em Lisboa que os seus títulos fizeram maior sucesso, mas foi na romântica Setúbal que nasceu José Maria Barbosa du Bocage, filho de um jurista de merecimento, escritor e poeta como seu filho e duma senhora de nobres qualidades, culta e duma inteligência muito viva. A poesia andava já a rondar na família. Sua tia do lado materno distinguia-se em França como poetisa melodiosa.

Bocage foi poeta sem querer. Nasceu poeta. A sua infância foi feliz. Seus pais votavam-lhe grandes carinhos e preziam-lhe o futuro feliz. Estudou as primeiras letras sem mostrar o doidivanas que andava escondido nele. Mas aos 14 anos mudou-se o panorama: Bocage sem ouvir os conselhos paternos, assenta praça no batalhão de infantaria da cidade e abandona os estudos. O pai desgostoso corre a pedir-lhe para que volte, mas Bocage teima e assim fica na tropa durante 2 anos, até que um dia se deixa seduzir pela ideia de ser marinheiro. Dir-se-ia que Bocage, colocado em face da vida, viu dois caminhos: Um, onde a felicidade sorria, outro onde a desgraça chorava. E éle que podia ter subido até à felicidade, preferiu descer até à desgraça, como para cumprir o seu destino de trovador dos infelizes, dos marinheiros e das mulheres sem sorte.

Aos 21 anos de idade, Bocage era nomeado guarda-marinha e parte para a Índia, passando por terras brasileiras. Que se sabe da sua permanência no Rio de Janeiro. Muito pouco. Tempos depois, seguiu para Goa, continuando a sua vida de desregramentos. Bocage embriagava-se continuamente, arrastando pelas tabernas os seus versos, deliciando-se com aventuras fáceis, escrevendo sátiras e um copo de vinho. Em Goa, Bocage criou antipatias e seguiu para Macau onde continuou a mesma vida accidentada. Os poderosos de Macau não gostavam do poeta e éle vingava-se nas suas sátiras trepidas:

Uma Sé que hoje existe tal e qual com catorze prelados sem celtil; Muita pobreza, muita mulher vil Cem portuguesas, tudo em um curral;

Dois cêtrigos e um deles muito mau, Um Senado que a tudo é superior, E quanto Portugal tem em Macau.

De repente Bocage deserta da Armada e vive nómada quatro anos, cortejando todas as mulheres que lhe apareciam pela frente, protegendo os

infelizes e castigando com os seus versos os homens instalados nas boas situações ou favorecidos pela fortuna. Cada verso de Bocage era uma bofetada, cada rima uma picada. Em 1790 conseguindo que lhe pedissem o ter desertado da Armada, volta a Lisboa. Contava 25 anos. Mas, de novo, segue a mesma vida, indiferente à glória que os seus versos lhe podem dar. É que, para que Bocage fosse Bocage, tinha que ser assim mesmo: pendulario e irreverente. Durante anos e anos Bocage viveu nas ruelas escuras; bêbado, de taberna em taberna, mas sempre na boca, na ponta da sua pena, um verso imortal, uma sátira maravilhosa, um dito que todos temiam. Tudo esbanjou: vida, dinheiro, glória e talento. E assim morreu um dos maiores poetas portugueses, um poeta feito aos 40 anos, a idade em que os outros começavam a viver.

10 MINUTOS DE REPORTAGEM

ÀS 2 DA MANHÃ

A vida de noite nas grandes cidades, nos grandes centros, resume-se quasi sempre numa palavra: Cabarets!... Assim como em Paris, existem o «Sheresades», o «Boeuf sur le toit», «Le Chantilly» e em Nova York o «Savoy», o «Cotton Club» nós, os portugueses, temos o «Concha», o «Miami», o «Nina» ou o «Cristal». E do mesmo modo que lá fora, aqui, cada um deles, tem as suas características. Demos uma volta, para ver quais elas são.

Mal entrámos no «Miami» chegamos aos ouvidos as estridências dum «trompete num «fox» em voga. Era Anselmo, o melhor trompete português do momento.

A sala estava à cunha e os pares «estafavam-se» com «swing» no ar de quem quer fugir ou esquecer os «desiquilíbrios monetários». Clientela especial: Abundam os comerciantes, os ingleses e aquêlles «habitues» de todas as noites. Há ainda os que vêm por causa da orquestra, os amadores de «swing». E as espanholas? Evidentemente, muitas espanholas. Elas estão em todos os «cabarets» de Lisboa e são o chamariz de todos os clubes portugueses. Acabou o «fox» e as luzes do chão acendem-se. É a prevenção de que as tíãs conheçdas espanholas vão actuar! É o desfile. Lá vem uma, lá vêm duas, lá vêm três e já não agüentamos mais espanholas por agora.

ESTÁ DE ACORDO COM ISTO?

Registamos mais estas perguntas que nos foram dirigidas:

Houve tempo em que todos nós deplorámos a falta de meios tostões. A Carris pôs termo a esse pequeno inferno, suprimindo-os dos seus bilhetes. Muito bem. Agora, é à Companhia dos Fósforos que pedimos essa abolição. Todos os dias acontece querermos comprar fósforos e ficamos roubados em meio tostão porque as tabacarias não os têm e nós também não.

Dantes eram os bilhetes de carro eléctrico, agora são as caixas de fósforos... Não haverá maneira de suprimir por completo essa moeda rara dos nossos trocos?...

D. A. P. — Rua Chaby Pinheiro, 23, 2.º — Lisboa.

Durante muito tempo, as ruas de Lisboa passaram por ser das menos limpas da Europa. Depois — honras seja feita! — as últimas edilidades timbraram em manter o asseio da capital, destruindo uma fama que até vinha citada no Larousse. Nota-se, porém, que depois da nova invasão dos burros e cavalos, por motivo da falta de gasolina — as ruas de Lisboa, até mesmo na Baixa, passaram à antiga categoria. Não será para perguntar se a falta de asseio pertence aos homens ou aos equídeos?

A. ROCHA — Avenida da República, 35, 2.º — Lisboa.

Nas noites em que vou ao cinema passo sempre por um dissabor: a entrada dos retardatários impede-me de ver, em geral, a passagem dos documentários. É justo isto para quem paga o seu bilhete e chega a tempo e a horas?

VÍTOR MELICIO — Rua A. Bairro Lopes, 9.

O povo português passa por ser educado e correcto. Mas, às vezes, parece que se esquece de o ser. Por exemplo, ali nas Escadinhas do Duque, onde se junta sempre muita gente, ouvem-se às vezes, em alta voz, palavras que a boa educação bania da linguagem corrente, e que são ditas sem respeito por quem passa — às vezes senhoras e crianças. E o mais curioso é que os representantes da autoridade ou nunca estão quando devem ou fazem que não ouvirem...

JOÃO COSTA, rua da Guia, 6, rés-do-chão — Lisboa.

Ouvi dizer que há agora uma escola de boas maneiras para os empregados da Carris. Mas, afinal, não sei se devido ao muito trabalho, se a quaisquer outras razões, noto que realmente os funcionários estão a perder muito da sua delicadeza e atenção que formavam já legenda e eram quasi únicas, nos serviços de transportes de qualquer país. É certo que o nosso público também está mais «refilão» — mas, com um pouco de boa vontade de parte a parte, não seria possível acabar com estes espectáculos diários de discussão dentro dos carros, entre passageiros e condutores?

R. FERNANDES — Rua Sampaio Bruno, 47 — Lisboa.

NOS "DANCINGS" DE LISBOA

Precisamos de ar fresco. Cá fóra 4 graus... fazem-nos trillar. Felizmente não estamos longe do «Concha». Logo que entrámos na sala, temos a sensação de que anda tudo doido. Aquilo é uma balbúrdia que até faz zêdo. Os músicos da orquestra de saxofone à frente, fazem a volta da sala, seguidos duma verdadeira biala, um cordão de gente nova que apinoteia, ri, canta, fala, salta. Há sos em todas as caras. Os músicos em tanto como os clientes... e pagam menos... Depois daquela pequena cêgada, as filmas não se fazem esperar e começa a dança... Aquilo nem é dançar, mas éles estão todos contentes e é que basta. Estamos ainda tão «gêdoss» que nos sentimos «a mais» e «artimos». Lembrámo-nos de ir ao «Cristal» mas desistimos. Conheçemos o «Cristal», o «cabaret» onde se gasta sempre dinheiro a mais... — Para o «Nina»! O nosso «chauffeur» galga o Chiala a toda a velocidade... Temos que tomar uma atitude «di» por toda a parte, sédas e mais sédas. E na sala a gente fina que não salta, não grita, não apinoteia, não dança com segurança e com quele ar digno das pessoas que esto a fazer-nos favor dançando. A

música é boa, bem tocada, o ambiente é agradável mas... é digno demais. Fomos lá, com certeza, em dia de funeral... Gente conhecida?... Sim! muita. Ali está Amália Rodrigues, acompanhada de... shiu nada de indisciplinas... Gente bem, ambiente bem, criados bem tudo — tão bem, que até maça! Fugimos. Damos ainda uma olhadela ao Negresco e... sem rumo, acabamos no «Olimpia»! É assim mesmo. É no «Olimpia» que se acabam todas as noites... perdidas. É uma tradição da Lisboa nocturna. A publicidade diz que é «o sempre em festas». Não o queremos desmentir. Está à cunha, há gente em todas as mesas, nos corredores, no «bar», à entrada, à volta das orquestras, por todos os lados. Ninguém se entende. Todos falam ao mesmo tempo, discutem, todos riem, todos dançam e por todas as mesas há as tais espanholas. O barulho é ensurdecedor. A custo conseguimos uma cerveja, mas já uma rapariga que passou no-la bebeu quasi toda, como suprema graça... Pedimos mais cerveja... Outra jóvem pede-nos cigarros, uma outra convida-nos para dançar, uma outra que passava cumprimenta-nos. Não a conhecemos, mas não faz mal. É assim mesmo, todos nós perdemos a noite, são quasi 3 horas, o «Olimpia» vai fechar e acabou-se a reportagem...

REPORTER TRÉS

OUTONO



O céu cobriu-se de nuvens brancas que parecem brincar com o azul sem fim, as árvores despiram-se e os seus braços imploram o infinito como uma prece. As folhas sécas levadas pela ventania rastejam pelos campos num último soluço de vida, e os homens trabalham, trabalham curvados para a terra, enquanto lá no alto as pequeninas nuvens brancas continuam brincando com o azul do céu...

Fotos JOÃO MARTINS

DO MUNDO

DE UMA CONFERÊNCIA PARA A OUTRA

ESTAVA ainda reunida a conferência de Quebec quando se anunciou a de Moscovo: do *stèle-à-stèles* familiar anglo-saxónico para a mesa triangular anglo-russo-americana. Nesta constante correria diplomática que é preciso emprender para que se mantenham os contactos necessários entre os dirigentes de povos associados em tão remotas regiões do mundo, o sr. Churchill, com os seus robustos 69 anos, tem sido o mais infatigável *glotolotter*.

A reunião de Quebec, embora nela se anunciasse que iam intensificar-se o auxílio à China e a ofensiva sistemática contra o Japão, teve, entretanto, nitidamente, o carácter de ser o laboratório onde se preparou e decidiu a fórmula da rendição italiana. Era um caso, diga-se, de localização ocidental: pois que só os anglo-americanos estavam empenhados nessa frente. Eisenhower, em nome das Nações Unidas — o nome da Rússia foi associado à declaração — ditou aos delegados de Badoglio a capitulação sem condições. Mas logo se disse que a reunião tripartida não tardaria a efectivar-se, primeiro com carácter preparatório, depois com carácter de maior amplitude no contacto directo entre os três principais condutores da guerra por parte das Nações Unidas.

Se na reunião de Quebec se assentaram os termos principais referentes ao caso italiano, o outro polo do seixo — Berlim — era caso de que não podia ser alheado o Governo de Moscovo, pois que é a Rússia, pela própria força do condicionalismo geográfico, que suporta a quota principal do esforço de guerra contra a Alemanha.

Os comentários alemães, após a divulgação simultânea, nas três capitais interessadas, do comunicado referente à conferência de Moscovo, não tiveram dificuldade em fixar nele o princípio referente ao restabelecimento da independência da Áustria. Era fácil, realmente, em Berlim, reeditar toda a argumentação

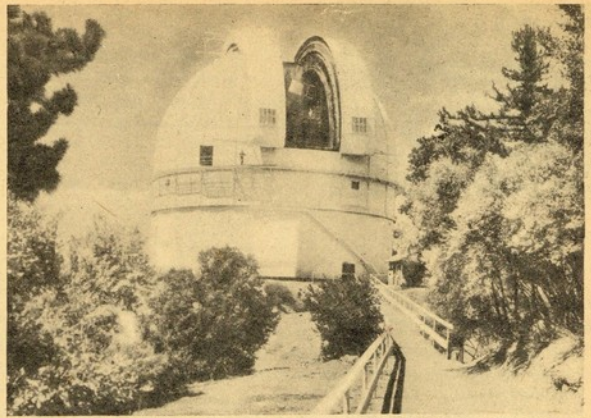
que precedeu, em 1938, a concretização do Anschluss. Era fácil, por igual, fora do Reich, repetir quantas opiniões pela mesma altura correram a Europa em favor da manutenção da Áustria livre.

De um modo ou de outro, era o levantar da ponta do véu. Ressurgiu, assim, a ideia de instalar, no coração da Europa, um Estado que possa aglutinar ao menos uma parte das influências de que a Alemanha, sob as suas diferentes formas históricas, sempre se fez o principal polo de atracção. O pomenor — aliás, a simples referência ao caso austriaco — foi, até agora, a única alusão autorizada ao problema referente à divisão da carta da Europa depois da guerra. Foi, porém, o bastante para que de um ou de outro lado do meridiano atlântico principiassem de erguer-se vozes trazendo consigo toda a possível rede de conjecturas. Uma declaração atribuída a Moscovo pelo serviço oficial alemão dizia que a Rússia considerava como sua fronteira a de Junho de 1941 — isto é, a que fôra talhada sobre o território polaco, que se estendia, ao norte, até ao Báltico, e, ao sul, ao longo do rio Prut, que inclui, como se sabe, as províncias de Bessarábia e da Bucovina, litigadas com a Roménia. A Polónia, pela força do seu próprio destino, uma vez mais terá de conhecer novas fronteiras. Fala-se de compensações e cita-se a Silésia. Tudo isso, porém, não excede, por enquanto, o círculo das suposições.

A conferência Churchill-Roosevelt-Staline foi já classificada como devendo constituir, por assim dizer, um prólogo à Conferência da Paz. Isto é, evidentemente, forçar um tanto a nota do sensacionalismo fácil. Mas, depois da referência à Áustria no comunicado Eden-Gordell Hull-Molotov, é legítimo esperar que mais alguma coisa se diga.

E, principalmente, que se trate mais alguma coisa que por ora fique por dizer.

J. R. S.



ESTADOS UNIDOS O INSTITUTO CARNEGIE, DE WASHINGTON

UMA legenda: «para estimular, do modo mais vasto e liberal, a investigação, a descoberta e a aplicação da ciência ao progresso da humanidade». Estas palavras estão escritas nos estatutos do Instituto Carnegie dos Estados Unidos — um organismo criado por um imigrante escocês que teve o prémio do seu mérito, conseguindo fortuna e posição destacada na vida americana. Andrew Carnegie, que foi empregado de fábricas de algodão, de estações de caminhos de ferro e de telegrafo, teve uma obsessão: construir grandes pontes metálicas; para os comboios, em lugar das frágeis construções de madeira. Essa obsessão converteu-se, naturalmente, em realidade. E, depois, quando as suas propriedades industriais incorporadas na United States Steel Corporation — Andrew Carnegie, já retirado da actividade comercial, fez uma doação de 345 milhões de dólares, para que, na capital dos Estados Unidos se fundasse um instituto com o seu nome. Esse instituto destinava-se a realizar e a auxiliar a realização de investigações científicas, em qualquer campo das ciências, das artes e da literatura — isoladamente ou em cooperação com o governo, com universidades, escolas técnicas ou entidades individuais.

O papel que este papel tem desempenhado no progresso para o bem-estar humano corresponde, de facto, às razões que o criaram: os trabalhos que estão a realizar-se no famoso observatório de Mount Wilson, e no laboratório geofísico, relativos à origem e evolução da crosta terrestre; os estudos que na secção de magnetismo terrestre estão a ser levados a efeito, relativos às condições magnéticas e eléctricas da Terra e da atmosfera — são apenas aspectos da actividade deste verdadeiro centro de investigação.

O seu pessoal permanente, por vezes assistido por cientistas estranhos ao Instituto ocupa-se dos mais curiosos problemas, sendo os seus resultados dados a conhecer através de publicações, exposições e conferências. Neste momento — claro — a actividade do Instituto incide nos trabalhos que possam interessar ao esforço de guerra: 145 homens de ciência, realizam, directamente, trabalhos nesse sentido, ao passo que outros 34 auxiliam o governo em certos assuntos de carácter científico. Isto, porém, não impede que a atenção dos sábios se desvie de problemas de carácter geral — e ainda há pouco, em Mount Wilson se completaram curiosos estudos referentes a manchas

solares e ao campo magnético, criado pelo Sol. Por outro lado, a secção de biologia botânica levou a efeito, recentemente, interessantes experiências sobre o processo fotossintético, pelo qual a água e o ácido carbónico existentes em plantas verdes formam açúcares e amidos. Ainda nos domínios da botânica, foram estudados os efeitos genéticos produzidos por diferentes tipos de radiações, sabendo-se que os raios X são mais poderosos do que os ultra-violetas e que os neutrões — partículas minúsculas de matéria — sem carga eléctrica positiva ou negativa, exercem uma influência ainda mais poderosa que a dos raios X.

Também as secções de Investigação de História estão a efectuar importantes explorações arqueológicas no Yucatan, na Guatemala, Honduras e Nicarágua.

Todos estes trabalhos constituem magnífico processo de relações inter-americanas e obedecem, profundamente, ao espírito que orientou a sua fundação: aplicar a cultura ao progresso da humanidade.



A senhora Lupeșcu

Está no México e faz uma vida simples de mulher que quer ser útil à humanidade. Ao lado do ex-rei Carol, com quem escreveu o mais emocionante romance de amor, a Senhora Lupeșcu, na sua simplicidade e formosura, vive hoje uma vida recolhida. Aqui a vemos, no seu traje de enfermeira. Esta é a sua última fotografia e foi enviada a uma amiga portuguesa. A senhora Elena Lupeșcu é agora enfermeira da Cruz Vermelha, cujo curso terminou há pouco, com distinção. Ela é assim, um estelo dos que sofrem e choram, peregrinando por hospitais e casas onde a miséria lava.

ITALIA SE VICTOR MANUEL ABDICAR, QUEM SERÁ REI DE ITÁLIA?

A política interna italiana está, como se sabe, profundamente repartida: antes de mais, pela própria guerra entre anglo-americanos e alemães, que, no seu território, se converteu em guerra civil, com Mussolini e Badoglio chefiando cada uma das zonas. Na zona dominada pelos Aliados, Badoglio procura governar em nome do rei. Os dois procuram, como se sabe, constituir a amizade de todos os grupos que se revelaram e rebelaram contra o fascismo. Aqui, porém, foi o ponto difíceis. Muitos desses grupos, considerando que Vitor Manuel tem atrás de si vinte anos de tolerância com o fascismo, não reíne as condições necessárias para essa tarefa e reclamam, por isso, a sua abdicção.

De momento, Badoglio conjurou a crise e adiou a dificuldade. Mas por quanto tempo? E, no caso de se concretizar a abdicção, quem sucederá no trono? Têm sido apontados vários nomes. O do príncipe Humberto, actual herdeiro, parece excluído pelas mesmas razões que ditaram a abdicção de Vitor Manuel: o jovem príncipe de Nápoles, filho do príncipe Humberto, que conta apenas 6 anos — e isto implicaria a constituição de uma regência; e o duque de Spoleto, irmão do duque de Aosta, que chegou a ser indigitado para o trono da Croácia.

Tudo isto depende, está claro, do curso da guerra, mas depende, também, em grande parte, dos próprios italianos. A monarquia de Sabóia sobreviverá à crise — ou os anti-fascistas, como já fizeram os fascistas, optarão pela forma republicana?



ANDAM AVES PELOS BOSQUES

A Cidade Eterna está cercada de vastos parques cobertos de arvoredo: Villa Borghese, Vale Giulia, Gianicolo dão-nos destes magníficos cenários. Villa Medici, sobretudo, é um poema de cor e um hino de cheiros. A foto mostra como a passarada é gulosa da sua sombra e da fresquidão dos seus bosques.



O PASSADO E O FUTURO DO CASO LIBANÊS, EXAMINADO Á LUZ DOS ACONTECIMENTOS

A CRISE DO LIBANO

N O momento em que escrevemos estas linhas, a crise, suscitada pelos recentes acontecimentos no Líbano, parece inclinar-se para o termo depois de haver ocupado durante cerca de duas semanas as primeiras colunas da imprensa mundial.

Em tempos normais, a prisão do chefe dum minúsculo e quasi desconhecido Estado montanhoso duns escassos 10.000 m2 e 900.000 habitantes, na margem oriental do Mediterraneo, pouca ceulama teria levantado. Dal se conclui, como efectivamente succede, que o conflito libanês vale menos pelo que é, do que pelas suas repercussões...

A França «Protectora dos Cristãos no Oriente», occupa o território libanês por direito de conquista. Por mais estranho que pareça, o Direito Internacional reconhece, incontestavelmente, a legitimidade de semelhante direito, desde que determinadas condições sejam cumpridas. Os Aliados conquistaram esse território aos primitivos ocupantes turcos, no decurso da primeira Grande Guerra, e o famoso tratado anglo-francês, firmado em Maló de 1916 ainda antes da occupação, conhecido por «Acôrdo Sykes-Picot» limitava claramente as esferas de influências das duas potências, no Próximo-Oriente. No intuito de grangear o apoio dos sírios e libaneses, os Aliados prometeram-lhes uma independência condicionada. Os sírios não corresponderam devidamente a esse apêlo, e limitaram-se a reivindicar a sua independência absoluta, se bem que sob a égide da França, por meio de órgãos de imprensa dos numerosos emigrados sírio-libaneses na America do Norte e do Sul e, ainda, no Egipto. A sua cooperação com os Aliados na libertação do seu país foi fraca e insignificante. Basta ler e reler os depoimentos de Lawrence, para verificar que a chamada «Revolta Árabe» contra os turcos não passou de um negócio, para os diferentes chefes árabes, com excepção, talvez do Emir Faical, que foi a única personalidade honesta entre eles. Faical fez-se proclamar rei da Siria, em Março de 1920 mas, ainda no mesmo anno, os franceses, defendendo os seus interesses, entraram em Damasco e destronaram-no. Em 1922 a S. D. N. confere à França o mandato sobre a Siria e o Líbano. Os acontecimentos que, desde a primeira conflagração mundial, se desenvolveram nestes dois países, são tão intimamente vinculados entre si, que é impossível apreciá-los separadamente. O termo do mandato francês caracteriza-se por uma série de incessantes insurreições da população, quer cristã, quer muçulmana, quer druza, contra a tutela galesa. A França mostrava-se disposta a transigir com os árabes, mas interferia com energia, quando se percebia de que as reivindicações da população indigena eram exageradas. Se analisarmos o regime francês no Próximo-Oriente, verificaremos que a França, se bem que ciosa dos seus legítimos interesses como potência mundial e imperial — ou imperialista, se quiserem — cumpriu as suas promessas e obrigações leal e

plenamente. Comprometera-se a encaminhar os sírios e libaneses para uma independência caracterizada pela diminuição gradual da sua influência e a retirada completa das forças da occupação se mostrar apta para a aceitar. A França, representada, depois da occupação anglo-francesa do país, em 1911, pelos «Franceses Livres» e, mais tarde, pela Comissão de Argel, reprimiu as insurreições que pudessem prejudicar essa evolução lógica e normal, mas jamais faltou à palavra dada. Ao ter conhecimento de que o anterior gabinete libanês conspirava para pôr termo prematuro à fiscalização francesa, não hesitou e agiu rapidamente. A França não pôde ser acusada de quebrar os acordos existentes. Os ingleses abriram um precedente na Birmanhia e, mais tarde, na India, quando arrestaram Gandhi e Nehru. Quem quebrou as convenções fosse os conspiradores libaneses, a quem cabe, por conseguinte, a responsabilidade pelas consequências.

A enérgica intervenção dos representantes da Comissão de Argel levantou grande indignação nos países árabes do Próximo-Oriente e tumultos nas principais cidades sírio-libaneses. Dessa agitação beneficiaram indubitavelmente os ingleses. A Grã-Bretanha não fez mais do que protestar em Argel e Beirute contra as medidas francesas mas, assim, grangeou imediatamente as simpatias que os franceses perderam. É preciso conhecer a influencia da cultura francesa naquelles territórios, para avaliar quanto o acto francês surpreendeu os árabes. Mas, o que ainda é mais surpreendente, é que, no Egipto, por exemplo, se tenham organizado logo manifestações anti-francesas e

a população atravessasse as ruas do Cairo aos gritos: «Abaixo os franceses!»

Dizemos «organizados», porque estão longe de ser tão espontânea e tão sincera como aquellas manifestações que se deram em Tunis, por exemplo, no momento da derrocada francesa em 1940, quando a população percorreu as ruas, exclamando: «Dai-nos armas! Queremos defender a nossa França!»...

O governo egípcio apresentou enérgico protesto, em que acusou os franceses de agir «contra a Carta do Atlântico». Foi um deslize de Nahas Pacha que se esqueceu, no seu entusiasmo francófilo, de que o seu próprio país ainda não tih aderido à «Carta do Atlântico», pelo que não lhe sobrava autoridade, para acusar os outros de a haverem infringido... Poucos dias depois, quando lho objectaram, o Primeiro Ministro egípcio apressou-se a proclamar a adesão do seu Governo aos princípios daquele documento histórico.

Quando o Iraque se sublevou contra a Grã-Bretanha, ou quando os ingleses invadiram a Siria e a Pérsia, não havia manifestações, nem protestos anti-britânicos no Cairo, como os houve agora contra os franceses. E isto porque não convinha aos políticos egípcios: a Grã-Bretanha é mais forte do que a Comissão de Argel e o árabe, quer seja iraquiano, egípcio, ou libanês, só respeita e admite um argumento: a força.

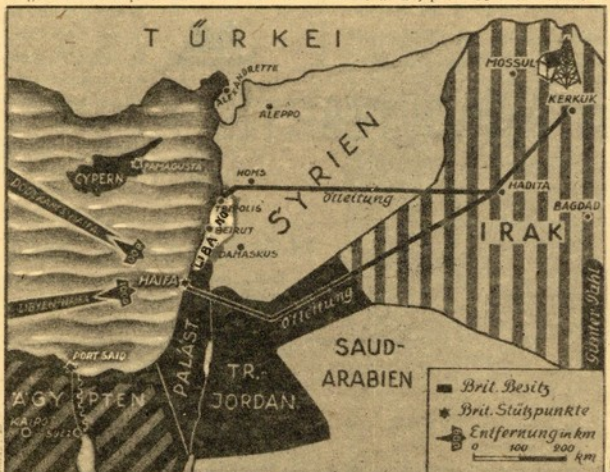
Quais são então as razões por que o Egipto tomou a peito a causa dos libaneses? A resposta está nas actuaes negociações Inter-árabes, a respeito duma confederação que o Egipto, apesar de não ser um país propriamente árabe, pretende chefiar. Não se

deve olvidar que o Líbano é um Estado com uma maioria cristã e se recusou, até agora, a aderir a uma federação cuja maioria seria muçulmana e não protegesse os direitos da população maronita-cristã. Assumidoma atitude enérgica a favor dos libaneses, o Egipto pretende, por um lado, cativar as simpatias dos libaneses; por outro lado, pretende as vantagens duma confederação dos países de lingua árabe, chefiada pelo Egipto, defensor cioso dos direitos árabes, quer muçulmanos, quer cristãos. A mesma attitude foi assumida pelos iraquianos, cujo Primeiro Ministro, Nuri Said, se apresentou a defender os libaneses subjugados esquecendo-se depressa das chacinhas que os seus próprios compatriotas cometeram contra os assírios e judeus indefesos. E não nos esqueçamos de que o Iraque também quer chefiar a projectada federação árabe...

Analisemos, porém, em resumo, a situação actual: 1.º — A viagem do general Catroux a Beirute demonstra que os franceses se dispõem a reconsiderar as suas medidas, á luz das «necessidades militares», aliás o único argumento que a Grã-Bretanha, muito prudentemente, alega contra o acto francês. O que não podem, já o afirmou De Gaulle, é abdicar, por ora, do Mandato confiado à França pela S. D. N., que legalmente é a suprema instância a quem cabe essa prerrogativa. O Mandato não expira nem caduca até ao momento em que o povo francês, por enquanto impossibilitado de se pronunciar, a S. D. N., ou o organismo que legitimamente lhe suceder, assim o estipularam. 2.º — É claro, que as aspirações de independência dos povos árabes, inclusive o Líbano, nos limites naturais e justificados, merecem a simpatia e o respeito de todos os povos que prezam a liberdade nacional. Sob a sábia égide da nação francesa ou da que lhe suceder no mandato, o Líbano progredirá moral, material e politicamente, até ao ponto de se poder governar e proteger a si próprio, ou de tomar o lugar que lhe compete numa federação mais vasta dos países do Próximo-Oriente. Porém, as acções precipitadas, tendentes a perturbar a marcha normal desta evolução, são sempre nocivas, e o facto de o próprio «Times» haver admitido que os libaneses agiram com precipitação, indica que, sob esse aspecto, não existem divergências de principio entre ingleses e franceses.

A crise do Líbano, como succede na maioria dos casos semelhantes, em que não estejam empenhados interesses vitais que exijam um desmelece mais drástico, solucionar-se-á por um compromisso franco-libanês, com a mediação da Grã-Bretanha. Isto, porém, não nos impede de duvidar da eficiência das soluções de compromisso, e de afirmar que, no fundo, todos os compromissos são efémeros. O Próximo-Oriente é uma caixa de surpresas e ninguém sabe o que no futuro sucederá. Mil forças ocultas, que se digladiam reciprocamente, forjam o destino daqueles territórios. Aquela que sair vencedora da contenda, também decidirá da sorte do Líbano.

S. SCHMULEVITZ



Neste mapa, publicado por uma revista alemã e onde se vê, encravado no território sírio, mesmo no final do pipe-line, a região do Líbano, o leitor poderá compreender, pela imagem, o complexo de problemas e interesses tratados no artigo presente.



O GRANDE ACÚRCIO

E bem certo que os homens se não medem aos palmos — mas às palmas. Se não acreditarem no que lhe digo, sejam Acúrcio Pereira. Este homem que está longe de ser, fisicamente, um gigante, é uma das mais festejadas figuras da sua geração. Escritor, jornalista, homem de teatro, cavaqueador efervescente, conquistou um lugar de que não será fácil arrancá-lo. Obrigado pela sua profissão — Acúrcio é, como sabem, o chefe da redacção do «Século» — a deitar-se, quasi permanentemente, ao romper da manhã, é vê-lo pouco depois, em pleno Chiado, fresco, risonho, flamante, vivo como um demónio, faldor como uma mulher, dando-nos a impressão dum grão-senhor que, vivendo de papo para o ar, tivesse dormido, regaladamente, vinte e quatro horas. Acúrcio é assim: um prodígio de actividade. Aos trinta anos — tinha quarenta e cinco. Aos quarenta e cinco — era bisavô — que é, como quem diz, tinha dois netos... No baptismo puseram-lhe o nome de Acúrcio Pereira. Por mim julgo que o nome que lhe ficaria a matar era este: Acúrcio... e Peras!

A MANEIRA DE ANTONIO BOTTO

Eh! Pá!... O «foot-ballo»!
Tu... avança! — Lá vai ela!
Corre!...
— Atrá-te com alma!...
Defende-a... — Vamos! — então?

E a bola ao entrar na rede
Recordá-me a lua cheia
Que tombasse sobre o chão.

Rebentam as aclamações;
A luz do sol palpita.

O jogo recomeça.
Os vermelhos atiram-se aos leões
E um leão tropeça

E o ataque
Bem marcado
Vai revelando a vitória.
A bola trepa e cai
Prêsa nos laços
Dos braços
Dos garbosos jogadores.

Palmas, delírio — altivez!
Vida, vida...
Alguém atira uma pedra
Ao acaso, p'ra acertar:

E uma cabeça partida
Bola e rebola no ar...

AS DUAS CHINEZAS

FAZ, por estas alturas, trinta e dois anos que houve em Lisboa, na jovem Lisboa republicana, um motim popular que ficou conhecido pelo «motim das chinesas». Não falta por aí quem se lembre disto, avivando a memória. Mas a gente nova não sabe do que se trata, e não deixa de ter a sua curiosidade contá-lo.

Um belo dia, em fins de Novembro de 1911, chegaram a Lisboa duas chinesas, chamadas Ajus e Joé; instalaram-se num pequeno hotel da Baixa e anunciaram, nada mais nada menos, que curavam as mais graves doenças dos olhos. Não tardou que a clientela afluísse. O doente chegava; sentava-se numa cadeira alta, de espaldar; e, instantes depois, as duas chinesas, extraindo-lhe dos olhos uma espécie de pequeninas lagartas (causa da doença, segundo elas) davam-no como curado. De facto, por fé, por sugestão, seja pelo que fôr — estas coisas nunca se explicam bem — muitas pessoas recuperaram a normalidade da vista. As chinesas não tinham mãos a medir. Havia tumultos para entrar no consultório. In cidade não se falava doutra coisa. Mas, sucedeu o inevitável: a autoridade interveio. As chinesas não podiam exercer a medicina por falta de título legal, e uma manhã a polícia, após uma manobra estratégica, pegou nelas — e pô-las na fronteira. Foi o fim do mundo. O povo, clamando, coalhou as ruas. Sucederam-se os distúrbios. Fuzilaram tiros. Saíram os regimentos, que ocuparam a cidade. Encheram-se os hospitais. O caso das chinesas, de simples *fai-divers* citadino, converteu-se num autêntico caso político. O Ministério esteve para cair e, durante alguns dias, Lisboa, a Lisboa pacata e burguesa, não pôde pôr o nariz fora de casa. João Chagas, que era ao tempo presidente do Conselho, costumava dizer, num sorriso, ao recordar o episódio:

— Como político, foi a minha melhor crónica de jornal...

PASCOAIS EMBAIXADOR



Teixeira de Pascoais chegou, recentemente, de Amaranthe, em missão especial. Veio encarregado de entregar à «Brasileira» do Chiado, atendendo aos seus serviços em prol das letras-pátrias, um Amaranthe de ouro — engarrafado. Não sabemos de melhor embaixador. A cerimónia deve realizar-se por estes dias, oferecendo a «Brasileira» um café de honra para festejar o acontecimento. Nesse dia os açucareiros aparecerão em tamanho natural.

MENINO, NÃO SE DEBRUCE



Augusto de Santa-Rita está no Pôrto com o seu teatro de fantoches — que tem conquistado, diga-se de passagem, um belo êxito. Quando o combóio que transportava Santa-Rita atravessava a alta ponte sobre o Douro e o poeta, curioso, se debruçava na janela da carruagem, ouviu uma voz de baixo recitar o «Preto-Tapassen»:

— Menino, não se debruce...
Era a voz do revisor. Voz de baixo significa, aqui, não que a voz vinha do rio, mas que o revisor não era nem tenor, nem barítono — mas baixo... Isto é, não era alto...

SCHWALBACH E O MÉDICO



Conta-se que Eduardo Schwabach foi, há tempos, consultar um médico, aliás afamado. Quando entrou na sala de espera, a sala estava cheia de clientes dispersos pelo divã e pelos «maples». Passou-se tempo, largo tempo. A certa altura, Schwabach, com a sua barbiga risonha e mefistofélica, dirigiu-se à enfermeira e declarou-lhe, com a maior tranquilidade do mundo:

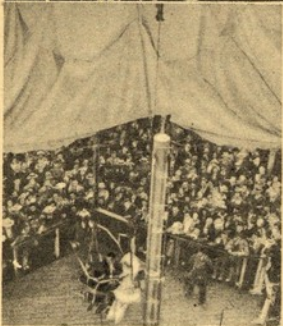
— Diga ao senhor doutor que se ele me puder atender dentro de meia hora — me considero absolutamente curado...

SUA MAJESTADE



Piló lançou agora um livro para crianças — obra interessantíssima — em que se faz a sugestiva história dum rei: o rei Ivor. Simplesmente este rei existe: nasceu na Madéira; mora numa caixa apalçada; fala; gesticula; ordena; e ainda ontem exclamou para Piló, seu presidente do Conselho e ministro do erário:

— Mandá-me abrir um crédito de cinquenta mil réis — porque um homem não é de pau...
E assim mesmo, real senhor!



UM CASAMENTO EM PARAQUEDAS!

A FINAL, tudo na vida acompanha o progresso... Em tempos que já lá vão, os noivos casavam em catedrais sumptuosas, acompanhados pela cantiga dos meninos de côro e por uma espectacular encenação... Depois, a questão simplificou-se. E agora, em pleno fim de 1943, surge uma novidade de sensação: dois enamorados desportivos e ultra-modernos preferiram casar-se... em paraquedas. Se eles gostaram, tanto melhor. Lá dizem os espanhóis: «Cada loco tiene su mania». E talvez tenham razão...

Há 1.600 anos já havia moedeiros falsos!

DE quando em quando, surgem notícias que nos deixam verdadeiramente surpresos. Por exemplo: dizem que no norte de África, durante escavações profundas, foram encontradas moedas falsas... de há dezasseis séculos.

E, ainda para mais e melhor, dizem os peritos no «Journal de Genève», que essas falsificações foram executadas pelos próprios imperadores, quando o tesouro real se encontrava em dificuldades. No fundo, tudo se repete. Ontem, hoje e amanhã — os mesmos processos, os mesmos defeitos e, também, as mesmas espertezas...

Concurso de beleza!!



VEJA SE SOUBE RESPONDER...

NO número passado, fizemos uma série de perguntas a que o leitor devia ter respondido mais ou menos bem — pelo menos, lá para com os seus botões. Mas, naturalmente, teve as suas dúvidas. Veja agora pelas respostas que damos, se realmente soube responder e aguarde o próximo «test»...

1.º — O Japão; 2.º — A escrita cuneiforme; 3.º — Job; 4.º — São compositores; 5.º — Um monstro mitológico, homem da cintura para cima e cavalo o resto do corpo; 6.º — Esqueleto duro de certos polípos marinhos; 7.º — Tomás Edison; 8.º — 1755; 9.º — Uma invenção de Robert von Bunsen (1811-1899), que funciona a gás de hulha e produz uma chama sem fumo; 10.º — Leonardo de Vinci (1452-1519). Esta pintura também é conhecida por «Mona Lisa»; 11.º — A ponte Nova de Tay, na Escócia, que mede 3.286 metros; 12.º — Doze faces; 13.º — D. Teresa ou Tereza; 14.º — De matéria vegetal carbonizada; 15.º — Wilhelm Konrad Boentgen, em 1895.

As calorias que nós gastamos...

O corpo humano possui um verdadeiro tesouro de calorias, armazenadas à custa da alimentação diária. Devemos, pois, ter bastante conta com as calorias que perdemos nos vários actos da nossa vida, não vão elas fazer-nos falta...

Segundo modernas estatísticas, nós gastamos as seguintes calorias, por hora:

Dormindo	65
Quando acordados.....	77
Lendo alto	111
Cantando	122
Lavando pratos.....	144
Varrendo o chão.....	169
Lavando roupa.....	182
Tocando violino.....	46
Tocando Beethoven.....	128

Ficamos por aqui, certos de que as nossas leitoras e os nossos leitores vão ter agora mais cuidado no esbanjar das suas calorias. E, para terminar, uma revelação terrível: dançar um «fox» custa-nos 335 calorias por hora...

Campeão de espirros

UM cavalheiro, chamado John Harrington, acaba de declarar ao mundo que é campeão de espirros, pois nos últimos dez anos espirrou nada menos do que 100.000 vezes. Ele confessa, é certo, sofrer de constipação crónica. E, como novidade, John Harrington faz o cálculo de ter gasto para cima de vinte mil lenços de assoar.

O mais curioso da história é um matemático amigo de Harrington querer demonstrar que, teoricamente, a energia gasta pelo campeão de espirros bastaria para erguer, a cerca de três metros de altura, o colossal edifício do «Empire State Building».

Nenhum deles é mauco, não se enbor!...

COCKTAIL

Lembra-se de Marconi?



A CASO, quando está junto do seu aparelho de rádio a ouvir as últimas notícias da guerra ou as mais recentes novidades musicais — passa pelo seu pensamento o nome de Marconi, o chamado «pai da radiotelegrafia e da radiotelefonía»?

Talvez não... Pois, se assim é, acompanhe-nos nesta breve e sentida evocação da vida de Guilherme Marconi.

Nasceu em Griffone, nos arredores de Bologna, a bela cidade italiana, a 25 de Abril de 1874. Aos vinte e dois anos — Marconi começou a subir a escada da celebridade. Ainda Maxwell e Hertz estavam a tentar resolver a transmissão de sinais telegráficos sem fios, já ele demonstrava a desnecessidade dos fios metálicos para tal fim. E as suas primeiras exposições vitoriosas e surpreendentes realizaram-se em Penath e Weston, na Inglaterra.

Pouco tempo depois, funda-se a «Marconi Wireless Telegraph Company Ltd», tomando êle os lugares de administrador-delegado e inspector técnico. Estava lançado, ao mundo, o novo processo para transmitir sinais telegráficos sem fios. E desde então — a carreira de Marconi foi coroada de triunfos e homenagens, pelo seu labor intenso e pelos seus maravilhosos trabalhos acérra da T. S. F. Sob a sua direcção, constróem-se as primeiras estações transmissoras, sem fios, ao longo da costa britânica, dos mares báltico, do Atlântico e do Canal da Mancha... Realiza em Roma, a convite de Humberto I, experiências importantes e decisivas para o futuro das suas descobertas... Instala um receptor e emissor de Rádio a bordo do «yatch» *Orborne*, pertencente à Rainha Vitória... E, finalmente, em 1899, consegue a primeira comunicação telegráfica sem fios entre a Inglaterra e o Continente.

Mas um dos maiores sucessos de Marconi residiu no facto de, às 17 horas do dia 26 de Agosto de 1930, calcando um simples botão a bordo do seu «yatch» *Electra*, fundado no pórtico de Génova, conseguir o «milagre» de iluminar o edifício da Exposição Internacional de Sidney, que, então, se inaugurava.

As descobertas sucederam-se... Surgiram as micro-ondas radiotelegráficas e radiotelefónicas, dando ao mundo a possibilidade de guardar sigilo em certas e graves comunicações, fosse qual fosse a distância a percorrer.

Feito marquês em 1929, pelo rei de Itália, Victor Emmanuel III, Marconi pouco tempo viveu depois. Vítima duma síncope cardíaca, Marconi morreu trabalhando, como um bravo. Morreu mas deixou uma herança imortal!

Isto é o automóvel... dum sapateiro

DIGAM o que disserem, o engenbo é um dos dons mais extraordinários do homem. Eis uma prova eloqüente da nossa afirmação. Este sapateiro americano mandou construir um automóvel, com a forma de sapato, para visitar os seus fregueses. E o veiculo estranho mas sugestivo tornou-se popular, conquistando uma farta clientela. Assim, mercê da sua imaginação, o sapateiro está rico e já se dá ao luxo de se fazer fotografar — êle, a filha e o automóvel — para a posteridade. Abençoado engenbo!...



Sensacional!

IMPERIO ARGENTINA

vai revolucionar o cinema português!

TEREMOS UM NOVO ESTÚDIO, TÉCNICOS E ARTISTAS ESTRANGEIROS!



É assim que a veremos em «Goyescas», interpretando o papel de duquesa de Alba...

TODA a gente dizia coisas horríveis. Começava mesmo a formar-se uma lenda embaraçante: Império Argentina era uma espécie de fantasma—sabia-se que existia mas ninguém a encontrava, quando era procurada. E, entretanto, dizia-se que ela tinha sido vista, certa noite, a uma mesa do Casino, mandando apagar as luzes fortes à volta, e recolher-se a uma penumbra modesta e menos cintilante...

Tudo isto circulava, é claro, nos meios jornalísticos, só porque Império Argentina não quisera dar entrevistas. Ela explicou-nos um dia destes porquê:

— Vinha fatigada, precisava de descansar e, as entrevistas são como as cerejas: vêm agarradas umas às outras e quando se começa nunca mais se acaba. Creia que não era menos aprêço pelos jornalistas e pelo público. Seria uma ingratição, depois do bem que têm acolhido os meus filmes!...

Esta conversa foi mantida diante de uma mesinha de chá, na salinha do apartamento que Império Argentina habita num hotel do Estoril. Ela é muito gentil, muito franca, muito amável, muito mulher e muito artista. Recebe primeiro a pessoa do jornal mas logo impõe a sua presença familiar:

— É a primeira vez que dou entrevistas em Portugal. E tenho algumas coisas engraçadas para dizer, em primeira mão.

«Carmen» que não é de Triana mas da Argentina, filha de espanhóis, suspende-se um pouco para dizer depois:

— Em primeira mão, pode escrever... Portugal vai ter um novo grande estúdio, o melhor da Europa, que será construído no Estoril e que receberá artistas e técnicos portugueses e estrangeiros.

— Pôso, então, escrever?

— Se lho digo...

— Capital?

— 40 milhões de escudos, já realizados por portugueses e espanhóis. Eu própria não sou estranha à iniciativa que tem, de resto, o aplauso de António Ferro.

— E o «Fernão de Magalhães» será já, então, uma consequência desta iniciativa?

— Não, «Fernão de Magalhães» é um caso a que sou estranha. É um caso... como direi? Tratado de governo para governo...

— Pensa que o cinema português entrará, assim, num caminho de mais vastas possibilidades?

— Tenho a certeza absoluta!

E Império Argentina fala com a sua larga experiência, do caso espanhol, das deficiências que até há pouco pareciam insuperáveis e que, de repente, por uma excelente visão das forças organizadas, passou para um plano de cinema universal. Ela sabe que o cinema não cabe nos motivos regionais, tratados pelos nacionais sem a experiência dos grandes estúdios. E acha que o cinema espanhol se lançou no mercado internacional, pela mão da experiência estrangeira, a guiar os motivos nacionais:

— Quando chegarem a Portugal técnicos e artistas estrangeiros, verá que de coisas belas e comerciais o cinema português poderá dar-nos! Em Portugal, como na Espanha, o mercado nacional não pode, de modo algum, compensar as despesas de um filme de pequena ou grande montagem. Tudo tem de ser feito, portanto, «a fugir aos gastos». E sucede que o que se faz nem sempre é o melhor, porque sem material não se obtém boa produção.

— Portanto...

— Será necessário fazer filmes de projecção universal e deixar os hermetismos regionalistas para melhor ocasião. Quando o cinema português conquistar o estrangeiro como o espanhol o está a conquistar, ter-se-ão obtido todas as possibilidades de que dispõe o cinema americano e o europeu. Para isso, claro, é preciso caldear elementos...

— Com que elementos contam?

— Para o primeiro filme, que talvez seja baseado no «Crime da Estrada de Sintra», de Eça de Queiroz, talvez tenha por realizador Antony Asquith, realizador de «Pigmaleão» ou Hotkinss, o director de «Rebecca».

— E quem será a primeira figura masculina?

— Possivelmente, Jack Fedor.

Uma opinião de Império Argentina:

— Acho que os directores de produções cinematográficas deveriam ser sempre escritores de grande cultura e reconhecido gosto literário. De resto, o próprio artista deve ser recrutado entre elementos de certa cultura, porque às vezes os papéis exigem grandes conhecimentos. Por exemplo, para fazer «Goyescas», o meu último filme, e que em breve será apresentado em Lisboa, precisei de ler imenso, visitar museus, identificar-me com a época, com os costumes e as almas, tanto mais que eu desempenho nesse filme dois papéis.

Os projectos de Império Argentina dominam-nos a ideia. Voltamos, por isso, a eles:

— Acha, então, que poderemos conquistar o mercado estrangeiro?

— Evidentemente. É claro que, uma das dificuldades está na escolha dos grandes nomes. Sem nomes de grande cartaz, não é possível obter a confiança estrangeira, por muito bom que o filme seja. E, isso, como vê, está já quase resolvido... Portugal tem condições de luz e motivos folclóricos formidáveis para se obterem no cinema os mais inesperados resultados. E o exemplo da Espanha, que se rodeou de grandes elementos internacionais, é uma das razões da nossa confiança.

— E a colaboração portuguesa?

— A que aparecer. Em António Lopes Ribeiro, que acaba de provar com o seu último filme, ser capaz de ser um realizador excepcional, teremos o melhor elemento de colaboração.

Arriscamo-nos a fazer uma pergunta maliciosa:

— Em que língua serão falados os filmes?

— De princípio, duas: portuguesa e espanhola. Depois, veremos... Por que não hão-de fazer-se versões em todas as línguas? A «Carmen de Triana» foi apresentada em alemão...

Império Argentina ri:

— E era minha, a versão! Aprendi alemão, em dois meses, com a mulher de Emil Jannings!

E a simpática artista, que domina o francês e o italiano acrescenta:

— Ando a aprender português. Farei o primeiro filme em português!

— Qual o seu melhor filme?

— Acho que «Goyescas». Sem réclamo, claro.

Mas é um filme excelente, que vivi de forma diferente, porque uma artista, de resto, não deve repetir-se...

— Mas não se disse que tinha um contrato para Hollywood?

Império Argentina vai a uma gaveta e retira um maço de dezenas de telegramas:

— Isto é só de uma semana. Fico em Portugal, não obstante perder um contrato de 150 mil dólares, 100 pêsos mexicanos por dia e 25 por cento sobre os lucros de exportação das películas.

— Para trabalhar onde?

— Primeiro no México e depois em tencicolor, em Hollywood, com a obrigação de fazer um filme por cada ano. O contrato seria de vinte e quatro meses.

— Finalmente, quando pensa que poderá anunciar aos seus admiradores que vão começar as filmagens do seu trabalho em Portugal?

— Talvez dentro de dois meses.

— E os estúdios?

— Antes de dois anos.

— Entretanto...

— Trabalharei intensamente em projectos, dançarei e cantarei todas as manhãs nesta sala... e nas seguintes, porque, para lhe dizer a verdade, fui anexando espaço e hoje tenho aqui cinco compartimentos...

— Estuda sempre?

— Sempre. Uma artista tem uma vida de sacrifícios e de renúncias, se não quiser perder a linha, a frescura e a saúde. E há sempre mais que aprender. Antes de começarem os trabalhos de filmagem, chegará de Espanha a minha professora de canto.

Fazemos ainda muitas perguntas a Império Argentina. E ficamos a saber que não fuma, que não abusa de açúcar nem de tudo o que prejudique a limpidez da sua voz e as curvas harmoniosas do seu corpo. E ficamos ainda a saber mais:

— Nunca assisto à exibição dos meus filmes. Tenho um respeito e medo enormes pelas reacções do público. Porque o cinema é como o teatro: às

Império Argentina põe o «pick-ups» a funcionar e prepara-se para o ensaio: canto e baile.



vezes, quando se julga que é bom, é mal recebido; quando se julga que não presta, é um êxito. Veja a «Carmen», um filme de que eu não gosto nada e que tanto êxito obteve!

Império Argentina está a dizer-nos que um dos objectivos em vista é interessar o Brasil na produção portuguesa. Mas, de repente, abre-se uma porta discretamente e aparece a «nurse». Porque Império Argentina é mamã de uma linda Maria Alexandra de oito meses, que acaba de fazer 6-6. Dai a pouco ela levanta-se, sai, e volta com a filhinha, formando um quadro íntimo que não nos atrevemos a fixar pela objectiva:

— Veja que forte, como se dá bem em Portugal! É também um pouco por causa dela que renuncio aos 25 mil dólares e ao prazer de viajar no «Clipper»...

O «Sapinho», muito atrevido, aproveitou a oportunidade de encontrar a porta aberta e foi roçar-se aos pés da sua senhora.

— Ciumentol... — diz Império Argentina.

E ela conta, então, que o «Sapinho» é um cão de raça vadio, um «pobrecito» que encontrou a vaguear no Estoril e recolheu por amor e...

De repente, o telefone chama, o bebêzito chora, o canito zanga-se, o «chauffeur» de Império Argentina vem anunciar que o carro está pronto, a «nurse» aparece — e a pessoa da revista desaparece.

Estava terminada a entrevista — a primeira, autêntica e sensacional entrevista concedida por Império Argentina em Portugal!



...E fará também de mulher do povo, bailadeira e cantadeira de requiebro vertiginoso.

MULHERES

NO tempo em que Bergson começava as suas lições no Colégio de França—no tempo das equipagens... substituídas pelos autos brutais, redimidos em honra da força das circunstâncias—que de chapéus de plumas, entre os seus auditores! Que de vestidos compridos!

Ab! estas senhoras tinham bem o delírio das idéias!

Chegavam muito leves como... as suas plumas, e retiravam-se, uma hora depois, pesadas de idéias e ricas de ciência. Pelo menos, assim o julgavam.

Depois, cortaram-lhes os cabelos. E todos nós sabemos o que os maldosos diziam:

—As mulheres têm os cabelos tanto mais longos, quanto mais curtas forem as suas idéias!

Desde então... as suas idéias cresceram—aumentaram...—em proporção inversa do tamanho dos cabelos. E como os vestidos lhes dificultavam o andar, encurtaram-nos, para poder circular a pé, mais modestamente, mais comodamente.

Cabelos curtos; saias curtas—e-las pisando a cómoda pavimentação de Paris, tódá impregnada de seu perfume. De 1920 a 1930. Não julguem que elas perderam o gosto das idéias. Não. Nem do pensamento. Pelo contrário. Elas trabalharam. Tanto e tão bem, que «ultrapassaram» os homens por mais de que uma vez: os exames e os concursos que o digam.

Masculinas? Nada disso. Menos bem, talvez. O que não envolve sentido pejorativo. Pelo contrário. Aquêles que tenham lido «Bergson» compreendê-lo-ão perfeitamente. E as suas irmãs portuguesas, a quem dediquei êsse pequeno volume, compreendê-lo-ão ainda melhor. Verão aí um Bergson «humano», cheio de recordações pessoais, que se nos podem levar a dizer: «outros tempos, outros costumes»—não poderão deixar de nos levar a afirmar:

«As mulheres? A mulher? E sempre a mesma.»

E quando se fôr homem, ter-se-á o direito de ajuntar: felizmente...

CHARLES OULMONT

FALA-SE ESTA SEMANA

CARLOS LEMOS

Carlos de Lemos, um lírico de temperamento e educação, também veio apresentar as suas ilusões e desesperanças rimadas, num livro a que deu o título Palingenesia. Se é certo que a poesia, como o amor, não escolhe idades—não é menos verdade que essa deusa, ela própria, não tem idade. É certo que a forma, sofre as influências do tempo. Mas, quando a inspiração é pura e é sincera—a expressão não desmerece do tempo. Em Geórgicas o autor de Palingenesia atinge a melhor forma de identificação com a poesia.



CARLOS FERRÃO

Não precisa de adjetivos êste cronista da guerra e observador da política internacional: o público distinguí-o como excelente elemento que é de crítica, e procura-o nos livros e nos artigos de jornal. Por isso as suas edições se esgotam—como vai agora acontecer com o seu último livro «A Itália capitulou?». É um belo volume, cheio de documentação e boa análise, cujo aparecimento queremos aqui registar mas a que dedicaremos uma atenção mais larga.



DR. PINTO RESENDE

Houve um duelo na Faculdade de Ciências. E se nos é lícito empregar aqui uma linguagem desportiva, diremos que o dr. Flávio Pinto de Resende bateu aos pontos a sua concorrente, obtendo a classificação de mérito absoluto, nas provas que prestou para professor de botânica da Universidade de Lisboa. As provas revestiram-se de um brilho invulgar—porque o concorrente, bolsêiro do Estado que trabalhou com os professores alemães, demonstrou uma actualização de conhecimentos muito acima da expectativa do júri.



Os 11 filhos do Duque de Palmela

Não juramos que seja inédita esta foto. Mas acreditamos que ela seja uma revelação para a maioria dos leitores. E não deixa de ser pitoresca e engraçada: o sr. duque de Palmela, com a esposa e os seus 11 filhos, sentada à porta do seu palacete de Cascais. Ao lado da filha mais velha—tódas são jovens e lindas—o simpático guardião que deve chamar-se «Fiel», «pospus» também para o fotógrafo. Os jornais ingleses reproduziram com entusiasmo esta foto do novo embaixador de Portugal em Londres—e acompanharam-na de legendas sugestivas e amáveis para o diplomata e para o chefe de família... numerosa!



8-8-43.

CASAS PARA TODOS

DURANTE muitos anos, houve uma luta de interesses, uma ansia de reivindicações que estão longe de se sentir satisfeitas: de um lado as classes capitalistas, usufruindo tódas as vantagens do trabalho dos pobres; do outro lado as classes trabalhadoras, retirando, do capital dos ricos, a custo, o seu sustento, a roupa para o corpo, a telha contra o frio e contra o sol. Entre êsses dois extremos de interesses e de forças digladiantes permaneceu, porém, a classe média ensanduchada: a burguesia, uma classe que medra à par da classe média e com a qual se confunde, era, no meio da liça, uma espécie de amortecedor de sopapos mas não deixava de se embalar numa doce toada de confiança.

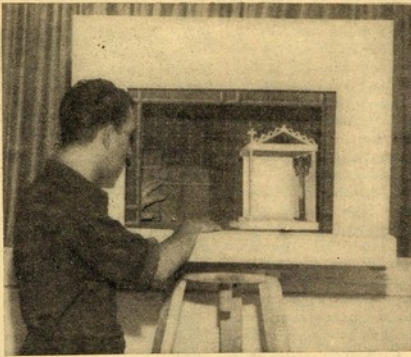
Viu, enfim, um certo ajustamento de contas: ricos e pobres concordaram em que uns podiam dar mais do que o que davam e que os outros poderiam receber menos do que aquilo que pediam. Não veio, evidentemente, a paz definitiva—mas ficou a reinar serenidade e confiança num melhor entendimento futuro. Simplemente, êsse ajustamento trouxe uma perturbação de ordem económica—para que não se preparou a classe média. E, assim, enquanto as classes pobres passaram a ter «bilhetes de operários», nos eléctricos, a receber descontos obtidos dos ordenados da classe média, a ter bairros económicos e operários excelentes—uma classe média viu-se a braços com uma crise asfixiante. Ela que foi educada na decência do vestir, ela que tinha criado hábitos de apuro social—ou teve de abdicar ou de lançar mãos do orçamento alimentar, para fazer face à sua representação na sociedade.

Não teve só que passar a comer menos e pior: deixou de ir aos divertimentos que haviam sido criados para a sua necessidade intelectual e que—como o teatro—tiveram de baixar de nível, para se tornar acessíveis ao pagode pagante; não teve transportes barateados, não teve a assistência social que foi criada para as chamadas classes trabalhadoras—e, ainda por cima, viu-se a braços com a crise tremenda das rendas de casa. O senhorio—o capitalista—passou sobre as impossibilidades da classe média, aumentou as rendas, dentro da revolução económica operada, e aí daqueles que hoje são pequenos funcionários, empregados de jornais ou de escritórios, médicos ou advogados sem grandes tabletas!

Eis um estado de coisas que desencadeou um lamento aflitivo da pobre classe média e que acaba de chegar aos ouvidos do Governo. Um diploma nos anuncia medidas de providências que certamente serão bem avisadas e melhor realizadas. Não sabemos, é certo, se é mais prático que o Estado construa casas para a classe média, com o seu ar de bloco catalogado que nem todos apreciarão devidamente—se a medida exacta estaria em que cada construtor fôsse obrigado a dar à cidade uma casa mediana, por cada palacete construído... O tempo, a prática e a boa visão dos factos é que hão-de dar a última palavra.

HUGO MANUEL

renovador
da nossa
cenografia



HUGO Manuel foi estudar para Itália, como Bolsista do Instituto para Alta Cultura. Já em Portugal tinha dado provas da sua inspirada concepção de arte. O nosso Conservatório chamou-o então para dirigir a cadeira de Cenotécnica — uma novidade no nosso país que é já velha nos melhores centros artísticos do mundo. Hugo Manuel não chegou, porém, apesar de nomeado, a tomar posse do seu cargo. E partiu, um dia, a caminho de Roma. Aí, na Escola de Belas Artes, terminou o curso com 30 valores — e uma menção especial. Fez uma exposição — e foi um êxito retumbante. Procurando dar à sua arte um sentido nacional, Portugal foi evocado através de Gil Vicente e Camões.

Depois da sua peregrinação pelo estrangeiro, regressou. E foi logo chamado a S. Carlos, onde o teatro Ilirico está a reviver. Pertence a Hugo Manuel uma grande parte do êxito registado no dia da recita de gala, entre as comemorações do 150.º aniversário do S. Carlos. Queremos, porém, saber qual é a sua quota de êxito e lê explica:

— Del ao espectáculo o melhor do meu entusiasmo e mocidade. Compreende: nós tivemos, séculos atrás, belíssimos elencos e compositores, que são hoje desconhecidos. O «Amor Indústrioso», de Sousa Carvalho, é

uma ópera-cómica que, pelo entredo e pela lindíssima música, merecia ser divulgada. Todo o arranjo dos cenários, dos figurinos, se fizeram de baixo da minha orientação. Apaixonei-me por esta realização — e Julgo que aquilo que fiz pode ser visto por toda a gente.

— A vida em Itália foi fácil para o seu triunfo?

— O curso é de nove anos — divididos em cinco de preparatórios e quatro de especialidade. Em 17 meses arranquei as maiores classificações. Fiz a minha exposição e um editor convidou-me a escrever uma série de livros sobre «Cenotécnica» que foi traduzida para francês, italiano e alemão. O primeiro tomo já o trouxe comigo.

— Que pensa fazer de futuro?

— Dedico-me à arte, à minha arte. Provavelmente, irei estagiar para a França e Alemanha, como bolsista do Instituto para Alta Cultura.

— E o Conservatório?

— Veremos quando começarei as aulas...

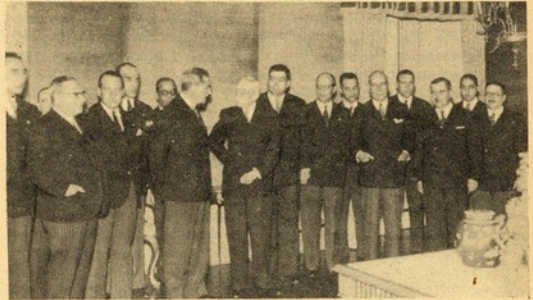
Este diálogo ouviram-no os bastidores do S. Carlos, durante um intervalo, no espectáculo de ontem. Hugo Manuel vigia todas as noites a realização do seu trabalho e não tem olhos a medir cuidados. O pano vai subir — e nós descemos para a nossa poltrona na plateia...

Reabriu a ASSEMBLEIA NACIONAL!

A Assembleia Nacional reabriu para a III Legislatura. O acontecimento tem relevo na vida do país. Esta primeira sessão revestiu-se dum carácter especial, é que, depois do Presidente da Câmara dos Deputados, sr. Dr. José Alberto dos Reis, ter recordado a figura e a obra do Ministro Duarte Pacheco — Sáiztar, subiu à tribuna para proferir um discurso. Houve ainda mais recolhimento na Câmara. O sr. Presidente do Conselho, muito scumbido, traçou o elogio do seu colaborador. Relembrou quanto a nação lhe deve e com os olhos marejados de lágrimas, abandonou a tribuna — quando, toda a sala, visivelmente comovida, o seguia, com os olhos embaciados. A sessão foi porém suspensa, para continuar no dia seguinte. E' o país, de peito feito e alma confiada, ouvira da boca do sr. Presidente do Conselho o relato dos factos que nos fazem interrogar o futuro, confiantes e fortes, mas nem por isso menos compenetrados do perigo. O que será o dia de amanhã e qual será a evolução da Guerra?



NOTAS RÁPIDAS



No dia do aniversário do sr. Presidente da República, todos os membros do Governo o foram cumprimentar ao Palácio de Belém, e levantar a expressão do seu apreço e desejo de colaboração, num momento em que todas as forças do país são necessárias ao prestígio da nação. O sr. Presidente do Conselho também esteve presente e vê-se na foto a conversar com o Chefe do Estado.



Os brasileiros são amigos e pátrios dos portugueses. Não admira, portanto, que o seu convívio nos seja particularmente simpático e que o seu afastamento nos sensibilize igualmente como agora que o sr. cônsul do Brasil no Pôrto nos vai abandonar. O banquete que lhe foi oferecido esteve muito concorrido e os brindes trocados foram mais expressivos do que quanto se possa dizer nesta legenda.



D. Jesus Suevos, delegado da Falange Espanhola, veio a Portugal expressamente para assistir à sessão solene organizada, por ocasião da Juventud da Galicia. Vêmo-lo aqui, numa passagem do seu discurso, falando do significado do movimento político espanhol e enaltecendo as virtudes comuns das duas raças ibéricas.



Conforme foi noticiado, os guardas-marinhas espanhóis visitaram o nosso país, viajando no navio «S. Eleaños». Promoveram-se, então, muitas festas de homenagem, uma das quais na sede do Centro Espanhol, onde os moços marinheiros foram recebidos entusiasticamente.

ATENÇÃO À MÚSICA!

«A Aldeia da Roupa Branca» estreou-se, em Madrid, com um êxito retumbante. O público e a crítica dispensaram-lhe caloroso acolhimento — em termos que não deixam dúvidas. O facto, se atentarmos no ano em que o filme foi produzido, tem o ar duma consagração póstuma. Mas não deixa, por isso, de dignificar, nas telas espanholas, o cinema português, tanto mais que o valor dum filme se mede comercialmente pelo número de pessoas que o vão ver. O espectador é a medida-padrão do êxito dum espectáculo.

A crítica asininal, com simpatia, a boa factura técnica da película. Afirma que o cinema lusitano tem um sabor peculiar. E rende entusiásticos elogios ao folclore da nossa terra, às canções do filme — e ao fado.

Madrid está coberta de cartazes a convidar o povo a escutar «os mais lindos fados portugueses» — e nesta designação englobam as canções das lavadeiras no rio... No aristocrático «Pasapogon», por entre os mármoreos ricos e os lustres refulgentes; no alegre «Madrigal», caixa de sardinhas onde os pares dançam acamados; no «Casablanca», por entre os efeitos de luz e os números de variedades — em todos os «dancings» e «cabarés» as orquestras tocam, desenfreadas, as canções do filme. E Gomez Tello, no «Primer Plano», cita, entre os motivos de maior agrado, o fado — «atornillado estos dias en todo Madrid»...

Quere dizer: a razão n.º 1 do êxito da «Aldeia da Roupa Branca», em terras de Espanha, está nos fados e canções, tal qual o que aconteceu, entre nós, com o filme germano-espanhol «Carmen, a de Triana». Pode afirmar-se até que pagámos, na mesma moeda, a ofensiva dos «Piconeros» e do «António Vargas Heredia»...

Está aqui, não resta dúvida, uma confirmação da verdade tantas vezes demonstrada, de que a música pode ditar o êxito dum filme. Sendo o seu melhor elemento de propaganda — é, incontestavelmente, um valioso esteio junto das platéias. Ainda se não viu cair um espectáculo musical cujas músicas andem na boca do povo.

Portugal tem magníficos compositores. As nossas canções — e serve de prova real «O Costa do Castelo» — são ricas, fáceis e melodiosas. Têm encanto — e raça. Não é de estranhar, pois, que triunsem lá fora — porque a linguagem da música é internacional. Há que aproveitar, no cinema, êsse elemento precioso que domina as platéias. Se a música encanta as serpentes — é capaz de encantar, também, como se verifica, êsse monstro de mil cabeças que é o público.

FERNANDO FRAGOSO

Vamos ver de novo OLGA TSCHECHOWA!

A Tobis vai brevemente apresentar ao público português mais uma notável produção. Chama-se «Bel Amio» e foi Willi Forst, o célebre director de Mascarada, Opereta e Sangue Viennense, o seu realizador e intérprete principal. Ele próprio extraiu esta comédia cinematográfica do romance

francês, universalmente conhecido, de Guy de Maupassant, que tem o mesmo nome. Tal como no romance, esta comédia decorre em Paris, em 1900, quando ali se realizava a Exposição Colonial. O ambiente de Paris nesta época é-nos dado magistralmente. Willy Forst interpreta o «Bel Amio»

na companhia de quatro artistas jamosas: Olga Tschéchowá, a intérprete inesquecível de «Troika»; Ilse Werner, a «Favorita» do filme «O Barão Aventureiro»; Hilde Hildbrand e Lizzi Waldmueller, esta última grande artista da Rádio alemã, de quem Portugal já ouviu a bela voz de soprano em discos que as emissoras portuguesas transmitem freqüentemente. «Bel Amio» é um filme criado por artistas de eleição e é uma das mais notáveis produções cinematográficas produzidas pelos estúdios da Alemanha.

MARIA MONTEZ e o seu noivado com Jean Pierre Aumont

Há pouco mais de um ano, Jean-Pierre Aumont — lembram-se de «O Lago do Amor»? — passou por Lisboa, a caminho da América. A imprensa não deu por êle — e só soube da sua estadia, entre nós, à hora da partida.

O popular galã francês não ficou inactivo em Hollywood. Logo que ali chegou, foi convidado pela Metro a interpretar «Assignment in Britain», cuja acção se desenvolve em França, nos negros dias da invasão e da derrota.

Entretanto, Jean-Pierre Aumont conheceu, durante uma festa, Maria Montez, a actriz hispano-americana, que se tornou no «bêguin» da América. Verem e amarem-se, foi obra dum momento. E a tal ponto, que se casaram há pouco, apadrinhados por Charles Boyer, que é o avô honorário de todos os artistas franceses que trabalham na Cinelândia.

Pela foto que ilustra a notícia, os leitores poderão verificar que Jean-Pierre Aumont teve bom gosto...



Vão começar finalmente as filmagens de «A MENINA DA RÁDIO»

FINALMENTE, chegou o filme! A «Menina da Rádio», que aguardava a remessa da película, para entrar em produção, vai começar a tomar forma. A primeira volta de manivela deve verificar-se por todo êste mês.

Sabe-se que o filme assenta sobre um argumento original de João Bastos e cuja adaptação e seqüência cinematográfica se devem ao nosso camarada de redacção Fernando Fragoso. Artur Duarte fez o «découpage» e dirigirá a produção, cujas imagens serão tomadas por Aquilino Mendes. O som é de Sousa Santos, e a música de António Melo, Jaime Mendes, Fernando de Carvalho e outros. A equipa do «Costa do Castelo» volta a reunir-se de novo. Tanto mais que António Silva e Maria Matos estão indigitados para os principais papéis, bem como Teresa Casal, Fernando Ribeiro, Óscar de Lemos, etc.

Trata-se duma comédia musical que explora o ambiente de um dos mais típicos bairros populares de Lisboa e cuja acção se acha intimamente ligada à mania da Rádio. As grandes vedetas da «Hora de Variedades» devem colaborar nesta película, bem como a Orquestra de Fernando Carvalho. A distribuição, que é numerosa, reunirá, ao que se diz, alguns dos mais prestigiosos artistas cómicos.

Artur Duarte, cuja probidade profissional é conhecida, está preparando, neste momento, com o maior cuidado, a produção. Sabemos ainda que os cenários são de Mouton Osório e que

vão marcar, pela sua engenhosa simplicidade.

No momento em que escrevemos ainda não se conhece o nome da «Menina da Rádio». Mas é muito possível que o público tenha uma surpresa quando a notícia for divulgada. Milú? Milita Meireles? Uma desconhecida? Tudo é possível, pelo menos a fazermos fé nas notícias que correm nos «mentideros» cinematográficos.

Vai começar um novo filme português, e esta é a notícia que queremos assinalar com o maior júbilo.

200 Prémios de beleza

No filme «As mil e uma noites», aparece um harém com 200 formosas e formosíssimas. Todas elas têm um título: Miss Omaha, Miss Indiana, Miss Massachusetts, São, com efeito, prémios de beleza de Estados, cidades e vilas americanas.

Se a frotta fosse realidade — como é que o sultão faria a sua escolha?

O cinema espanhol visto por um músico

Jacinto Guerrero é, incontestavelmente, o mais popular dos compositores espanhóis. Ainda, há pouco, no «Caminho do Amor», a sua música obteve um êxito decisivo.

«O cinema espanhol — disse ele — deve ser verdadeiramente espanhol, isto é, palpitar a nossa autêntica maneira de ser através das diferentes regiões e dar a conhecer, em tais películas, todo o nosso folclore musical tão rico, tão variado e de tão doces melodias.

«Está demonstrado que as películas musicais são as que têm maior aceitação no nosso público.»

As três pancadas

O QUE O PÚBLICO NÃO VÊ



AMÁLIA RODRIGUES VAI SER A ESTRELA DE UM FILME MUSICAL?...

DIANTE de um público entusiasta Amália Rodrigues, a voz de ouro da nossa canção, recomençava, pela quarta vez, os versos tristes daquele fado dolente. Por toda a sala do Casablanca, um silêncio profundo.

Sovam ainda no ar as últimas palmas quando o repórter entrou no camarim. Amália Rodrigues entrelinha amena conversa com José Miguel, o seu empresário.

— Ao saber que era «alguém dos jornais», Amália fica muito séria, muito comprometida como menina tímida diante de rabujenta mestra. Depois, aos poucos e poucos, o seu sorriso vai aparecendo. Em Amália até os olhos sorriem.

— Sempre é verdade que vai entrar num filme?

A pergunta surpreende Amália Rodrigues.

— Quem lhe contou «isso»?

— O Pai Natal...

— Então é que lhe dá a resposta — e Amália solta uma pequenina gargalhada, muito alegre, muito saltitante.

— Mas sempre é verdade? — insiste o repórter.

— É...
— E ela num murmúrio:
— Sou eu!

O José Miguel aponta:
— Naturalmente que é. Começaremos breve.

O repórter quer saber pormenores, mas Amália está desassossegada. De vez em quando bate a porta. São admiradores, «grooms» com flores, com cartões de visita...

José Miguel faz uma careta:
— Quem me dera a mim ser a Amália!

— Quem é o produtor do filme? — pergunta o repórter.

— Sou eu!

A resposta foi dada pelo José Miguel, bem entendido.

— E qual é o género?

— Desta vez fala a Amália:
— Género «Carmen, a de Trianas»... mas português, como não podia deixar de ser.

— E o José Miguel:

— Com fados, touradas e tudo o mais. Ela interpretará o primeiro papel.

Amália sorri, modesta. O repórter inquire:

— De quem é o argumento?

— Penso no Leopoldo Nunes.

— E o realizador?

— Leitão de Barros.

— Como nasceu a ideia do filme?

— Escute — diz Amália, brincando com as pontas do chaille. — Eu fui ver a «Carmen, a de Trianas» com o José Miguel e...

— ...E eu perguntei-lhe: — interrompe José Miguel. — E se a gente fizesse um filme destes? — Ela disse «sim», e pronto!

— Com quem irá contracenar?

Amália sorri.

— Talvez com o Oliveira Martins.

— Ela é que escolhe — diz o José Miguel — se fosse eu, preferia o Villar.

— Não! — exclama Amália, fazendo baixinho de amúo. — Prefiro o Oliveira Martins!

— Já fez cinema? — pergunta o repórter.

— Não. Mas gostaria de ter entrado no «Amor de Perdição», no papel de «Marianas».

Batem à porta:
— É a sua vez de entrar em cena...
E Amália dá um salto na cadeira, ajeita o chaille e desaparece porta fora. Nos olhos do repórter fica apenas a recordação do seu sorriso bonito...

REPORTER UM

Não há «peças na berlinda» porque não há peças no cartaz. Ou por outra, as peças em cena não podem entrar na berlinda porque nem duas páginas como esta chegam para falar mal delas. Tudo continua na mesma. E, como sempre, os teatros que mais êxito estão registando são precisamente o Ginásio, o Politeama e o Trindade, pela razão simples de que em vez de peças exibem filmes.

PARADOXOS

A Inspeção Geral dos Espectáculos não autorizou que Eunice Muñoz ingressasse no teatro ligeiro porque, além de mil razões, seria desprestigiante ver-se uma artista de declamação representar aquelas frioleiras em dois actos, que se chamam revistas.

Mas repararam no papel conflagrador que a grande Adelina Abranches foi obrigada a fazer, no palco do Apolo, diante de um público cheio de culpa, e que é o drama pungente da sua própria vida?

MANEIRAS DE VER

Existe uma adaptação teatral do romance «Amor de Perdição». Pois bem: essa adaptação é actualmente irrepresentável, a não ser, bem entendido, em «tournées» de segunda ordem pelos teatros da provincia.

Pergunta-se: haverá alguma razão lógica — não se diz «jurídica», porque essa existe infelizmente — que autorize um editor, apenas por ser o detentor da propriedade literária de uma obra, a não consentir que se faça uma nova adaptação, representável? Isto vem a propósito de um editor portuense não ser, ao que consta, autorizado que Leão Penedo fizesse uma nova adaptação do «Amor de Perdição», que se destinava a uma das nossas companhias de teatro.



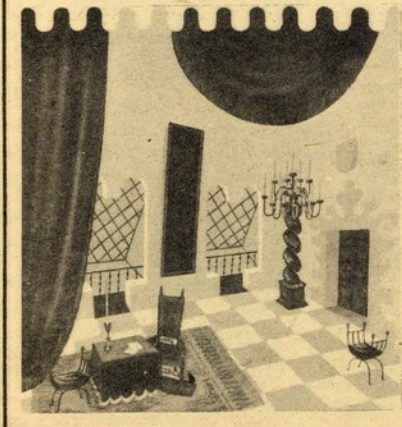
Uma nova versão do FREI LUIZ DE SOUSA

MUITO se citou Reinhardt e Antoine a propósito da representação em «estilo moderno» do «Frei Luiz de Sousa», com que o Teatro Nacional comemorará o centenário desta peça.

Não se julgue, porém — a exemplo do que lá fora, e com tão grande êxito, se tem feito a certas peças — de Ibsen e de Shakespeare — que «Frei Luiz de Sousa» vai ser modificado, cortado, transformado em estilo 1943.

Longe disso. A peça de Garrett conservará o texto original. Apenas a marcação, os figurinos — aliás belos cenários e belos figurinos de José Barbosa — serão totalmente novos, concebidos dentro de uma outra «atmosfera» sem, contudo, deixarem de possuir a «atmosfera» própria do «Frei Luiz de Sousa».

Uma das fotografias que aqui se publica mostra o cenário do 1.º acto. A estreia desta peça está marcada, como se sabe para os primeiros dias deste mês.



UMA REVISTA INGLESA QUE FALA DE LISBOA

NUM dos principais teatros de Londres, o «Hippodrome», está a exhibir-se, há meses, com grande êxito, uma revista, cuja acção decorre, toda ela, na nossa capital. «A História de Lisboa», *The Lisbon Story* — assim se chama a revista — mostra, talvez de uma forma um pouco excêntrica, a vida, tipos e costumes do nosso lisboeta. Um dos números musicais de maior sucesso é a canção «Nunca digas adeus», muito nostálgica, muito sentimental, bisada e trisada todas as noites por um público entusiasta. À saída das fábricas, nos quartéis ou em plena «city» torna-se hoje coisa frequente ouvir um operário ou um «gentleman» trautear os versos do «Nunca digas adeus», exclamando, por fim, com os olhos em alvo: «Amo-te, Lisboa, tu és a minha amada». Isto em inglês, naturalmente...

«O SENHOR VENTURA»

MIGUEL Torga não é escritor de quem se trace uma genealogia literária. Há na sua prosa alguma coisa de Fialho, mas sem verbalismo e excesso visual; alguma coisa de Eça, mas com muita mais humanidade; bastante do modernismo como escola, mas com mais sinceridade no sentido dramático da vida. Se alguma vez se compreender claramente em Portugal o que é e o que deve ser literatura social — e se Miguel Torga estiver disposto a realizá-la sistematicamente — será ele, de todos os prosadores conhecidos, até agora, o mais apto para a exprimir em criações superiores.

Literatura social é a de muitas páginas do «Diário», em que punge essa humanidade doente e ferida sofrendo com igual dramatismo o bem e o mal, que o autor sobre ve simultaneamente com os olhos, o coração, a inteligência — e uma ânsia de justiça que nenhuma impassibilidade consegue mascarar. Literatura social é a do seu estilo directo e flagrante transportando aos olhos dos que o lêem, sem subterfúgios estéticos, a crua verdade da vida e a miséria dos homens que fazem sofrer outros homens; é o protesto angustioso e mudo desses personagens cortados em grão do Belra, muitas vezes surgindo maciços e inteiros de duas linhas de prosa tão viril como raras vezes se escreve em Portugal.

Miguel Torga é excepcionalmente dotado para preencher com implícita vida interior esses quadros externos, mais humanos do que muitos dos apregoados narradores de humanidade sofredora em literatura. Falta-lhe ainda, no entanto, a segura técnica do romance. Não consiste ela, sem dúvida, na mística escolástica de regras e esquemas prefixos que certos críticos de grande voga no nosso país pretendem impor aos que nascem nativamente romancistas, quando eles próprios com esquemas e regras não compõem senão romances péssimos.

Tudo isso dispensa o bom romancista, que cria em cada obra as suas próprias regras — e mesmo o bom romance não é mais que uma estrutura original e autónoma de expressão da vida em personagens fictícios. Não pode dispensar, porém, a coordenação exacta dos seres inventados ou reproduzidos com a sua própria vida interior, com os actos em que ela se manifesta, com o meio de que dependo ou contra o qual reage. É isso que falta ainda a Miguel Torga — e é isso que se reconhece com especial desgosto nesta sua mais recente criação: «O senhor Ventura».

Há nela um ajustamento muito deficiente dos dois planos de uma vida,

representada nas andanças do protagonista: o da raiz lnata que prende o homem — e especialmente o português rural — à terra em que nasceu e de cuja realidade nunca consegue libertar-se; e o da aventura cosmopolita que só pode ser vivida sinceramente pelos desenraizados, prontos a ganhar ou a perder no instante dramático uma existência que só a eles pertence, porque de tudo se libertou.

O atalenjano de Penedono que Miguel Torga atrai para espantosas aventuras pelo Oriente não tem quaisquer alicerces psicológicos aceitáveis; parece arrastado pelas circunstâncias e o autor pretende que seja ele a criá-las; não tem nenhuma consistência humana de aventureiro e aparece-nos como fabricante de aventuras; não tem nenhum sentido interior do cosmopolitismo e vêmo-lo mover-se com artificial e falsa agilidade num mundo de resíduos humanos internacionais. E quando o herói volta à terra, sobrecarregado por esse fardo que lhe estiva a alma, já nem o homem da terra consegue ser e mais parece um tóxico fantoche fracassado que o autor deixou em farrapos por paragens remotas.

E, no entanto, o grandíssimo prosador que é Miguel Torga ainda ali está presente. Notas flagrantes de humanidade surpreendem neste livro de enormes defeitos com a frescura matinal das surpreendentes revelações; há breves traços de personagens que atiram de súbito para os nossos olhos com profundas realidades da vida; breves reflexões sobre a essência das circunstâncias em que os homens são estreitados têm o poder emocionante de um claro insperado. Ai, Miguel Torga ressurge inteiro, sem o constrangimento de um tema mal concebido de que só as suas poderosas faculdades de realização literária lhe permitiam salvar-se — e mais nos faz desejar, realmente, que este escritor tão humano, capaz de exprimir com o relevo das coisas duramente marteladas sob um cinzel de artista que acima de tudo é um homem, encontre os temas de romance, que correspondem na verdade ao seu génio.

Decerto que os seus grandes romances estão ainda para vir — e já sem as fraquezas deste «Senhor Ventura» cuja impropriedade humana nos faz lembrar a fortíssima verdade desses personagens que Mabroux ergueu em «Conquérants», «La Condition humaine» e «Espoir». Talvez nasça com ele, então, o romance social bem compreendido que a nossa literatura de ficção espera para se renovar.

ALVARO SALEMA



PELOS seus estudos sobre Eça de Queiroz e alguns escritores contemporâneos, cuja qualidade literária definiu com lucidez e inteligência excepcionais, Castelo Branco Chaves conquistou na crítica portuguesa uma situação já consagrada. Por pessimismo sobre o valor da crítica, tem publicado muito pouco; mas os seus juízos são respeitados por todos os sectores literários e mesmo no Brasil goza de reputação que poucos escritores portugueses encontraram até hoje.

Preguntámos-lhe, antes de tudo, pelos seus trabalhos actuais:

— Há quatro anos que não publico trabalho algum e isto por razões de vária ordem que não vem a propósito mencionar. Tenho, porém, continuado a trabalhar em livros que há muito trazia planeados. Publicá-los interessa-me pouco; aquêles que se consagra às actividades do espirito ou que verdadeiramente interessa é essa actividade. Para mais, elucidar um problema, estudar uma obra, conviver com uma grande personalidade intelectual e humana é uma das formas mais elevadas de evasão da vida. E isso é afinal o que interessa e o que todos mais ou menos buscamos.

— O que significa para si a crítica como vocação intelectual?

— Por profissão, trabalho em contabilidade, por vocação sou crítico literário. Profissão e vocação não se coadunam mas também não se hostilizam — ignoram-se.

Esta vocação para a crítica é, no geral, antipática ao comum das pes-

10 MINUTOS com Castelo Branco Chaves

soas. Eu não a tenho como tal, mas considero-a como a mais pobre das vocações quando ela não é serventuária do talento criador. Depois, para se ser crítico — seca e unicamente crítico — é inevitável ser-se também desoladoramente céptico. Só quem não professe um credo, nem tenha um sistema e não pertença a partido pode atingir o estado de pura inteligência crítica e lançar sobre as obras dos homens aquêle olhar «calmo, frio e indiferente» que Saint-Beuve em si acusava.

— Por isso mesmo, a crítica literária é uma criação intelectual que justificaria a publicação dos seus trabalhos...

— O descontentamento com que leio tudo o que já publiquei leva-me a ser prudente e a guardar o que vou escrevendo para revisão serena e crítica. Não é a perfeição que pretendo, é apenas a decência. Portanto nada a anunciar pronto a sair dos pressos.

FAÇA DE PAPEL

— O Prof. Feliciano Ramos publicou nas edições de cultura literária da revista «Occident» um longo estudo crítico sobre «Eugénio de Castro e a poesia nova». Impregnada de bergsonismo, com juízos não só discutíveis mas francamente atrevidos sobre o pensamento e a arte naturalistas, esta obra oferece, todavia, leitura estimulante e agradável.

— Castelo de Moraes prepara a publicação de uma série de quadros literários sobre a vida lisboeta que vai intitular «Coisas de meia-tigela».

— «Vida Mundial Editores» vai apresentar em breve a 2.ª edição do «Diário de José Maria», de Ramada Curto, visto a primeira edição se encontrar esgotada há alguns meses.

— Etelvina Lopes de Almeida publicará no próximo Natal o seu primeiro livro de literatura infantil, intitulado «O tontinho da esquina».

Napoleão e M.^{me} de Staël

M.^{me} de Staël conheceu Napoleão Bonaparte, já coberto de glória pela primeira campanha de Itália, numa festa em casa de Talleyrand. Nessa altura ainda admirava muito o jovem general, que depois combateu com a pena, e dirigiu-se a ele com entusiasmo, fazendo-lhe sucessivas perguntas:

— General, qual a mulher que seria capaz de amar mais fortemente?

— A minha, respondeu Napoleão.

— Está bem, mas qual estimaria mais?

— A que melhor soubesse tratar do seu lar.

— Ainda concordo, mas enfim: qual seria para si a primeira das mulheres?

— A que tivesse mais filhos, minha senhora,

M.^{me} de Staël parece que não perguntou mais nada nessa noite; e talvez datasse de então a persistente antipatia que votou a Bonaparte através da sua carreira consular e imperial.



ANDRÉ MAUROIS está desiludido...

O biógrafo de grande génios como Byron, Shelley e Chateaubriand; o crítico da sociedade e da história inglesas; o teórico do amor, de que traçou «les cinq visages» — vive actualmente na Califórnia exilado e, segundo se diz, terrivelmente desiludido das idéias e dos homens. O seu último livro, de memórias íntimas tão encadeadas que chega a constituir uma autobiografia, foi agora traduzido para inglês com o título «Call no man happy». Não chamem ao homem feliz — até morrer, completa ele na legenda com que abre o livro — é símbolo suficiente da triste filosofia da vida a que chegou este escritor de tão grandes êxitos.

A ESCUTA

O CASO DA SEMANA

Emissões Atlântico inauguraram as suas novas instalações. Têm vastos projectos, premeditam planos ousados para o nosso meio. Veremos o que sal de tudo isso. Pires Guerreiro e José do Nascimento são garantia de que alguma coisa se há-de fazer. Melhor: de que se tem feito alguma coisa. Sim, porque até aqui, apesar da sua ainda curta existência, Emissões Atlântico já marcaram uma posição, uma atitude, procurando fugir à banalidade dos programas de quasi todos os nossos postos amadores. Por isso — merecem um louvor e tomaram uma responsabilidade. A responsabilidade de fazer mais e melhor. Podemos contar com Emissões Atlântico?



NOEL COWARD

Noel Coward é hoje uma das mais destacadas personalidades do cinema mundial, como o demonstrou através do seu último filme «Sangue, Suor e Lágrimas», premiado pela Academia de Hollywood e já aplaudido pelo público de Lisboa. Falando pela B. B. C., Noel Coward reafirmou a sua confiança inabalável na vitória das Nações Unidas, nesta guerra que ensanguenta o mundo. E a palavra de Noel Coward vale como uma garantia para os milhares de admiradores que ele possui...

UM COMENTÁRIO E UMA PREGUNTA.

Na Rádio, as idolatrias cansam. Assim, discos que se tornaram famosos, depressa começaram a aborrecer, pela insistência com que eram usados. Foi o caso da «Mãe», do «Silêncio na Noche», da «Balalaika» e de muitos outros. Mas isso não sucede apenas com os discos. Franca e francamente não vai já entendendo aquele velhissimo «Mau gosto, muito mau gosto», do Olavo?

REPORTER II



UMA REPORTAGEM INESPERADA

Quando Leonor Maia se despediu ao microfone do R. C. P.

Há coisas engraçadas. Naquela noite, fomos ao Rádio Clube Português com a intenção de fazer uma reportagem... e, afinal, saiu-nos outra. Tínhamos chegado tarde para o fim que nos levava à Parede e, assim, resolvemos esperar... para ver o que dava.

Chegámos à Parede, atrasados para o que tencionávamos realizar. Contudo, ficámos uns momentos no «challé» do Rádio Clube Português. Havia como que um pressentimento a reter-nos ali. E não nos enganava o «klaxon» dum automóvel.

Curiosos, olhámos. Vimos aparecer o Humberto Mergulhão com a Leonor Maia e mais duas gentis raparigas muito parecidas com ela.

Aposámos-nos do Mergulhão. Ele não tinha mãos a medir. Sobre tudo para aqui, chapéu para ali, «cachecol» para acolá, papéis nas algibeiras, papéis nas mãos, palavras para todos os lados. Combinando com paciência os bocadinhos de frases que nos eram dirigidas, soubemos que a Leonor Maia ia ser entrevistada, ao microfone do R. C. P. em vésperas da sua partida para Espanha.

Magnífico! A noite não estava perdida. Começámos a bisbilhotar...

As duas raparigas gentis eram irmãs da Leonor Maia. Duas «Tatões» mais novas mas, também, bonitas e graciosas. Diziam segredinhos, uma à outra, enquanto o Mergulhão acabava, à pressa, afilto, a entrevista. Nem por isso, o seu trabalho ficou pior...

Um sinal. Ia começar. Nas cabines de emissão, toda a gente tinha os olhos postos em nós. Por fim entrámos todos, mais as três «Tatões»...

E a entrevista iniciou-se. Palavras bonitas do Mergulhão, a Leonor Maia a umedecer os lábios com a língua, as manas a sorrir embebecidas...

Era a primeira vez que a «Tatão» falava diante dum microfone de rádio, no Continente. Longe, em Lou-

renço Marques, ela fora uma das locutoras mais afamadas. Lopes Ribeiro descobriu-a mesmo, numa das emissões de Rádio Clube de Moçambique, onde todos a idolatravam. Mas, em Portugal, estrevava-se nessa noite. E dizer aos seus muitos admiradores que queria triunfar no cinema. Vai fazer, em Espanha, a protagonista da versão portuguesa de «Madalena, zero em conduta», filme dirigido por um polaco, tendo como director de produção um francês conhecido — Abel Gance. O operador é inglês, o mesmo operador de «Intermezzo» e de «Pigmalião». Enfim, uma espécie de sociedade das nações... Depois voltará a Portugal, onde tem muitos projectos e, em especial, a esperança de ser dirigida pelo Brum do Canto — sua grande velha aspiração.

O Mergulhão e a Leonor Maia iam lendo, improvisavam à mistura e tudo isso no meio de sorrisos e de caretas que os rádio-ouvintes não podiam ver...

Por fim, a «Tatão» prometeu cantar um «slow», quando regressasse de Espanha. Eis outra coisa que não percebemos. Cantar um «slow», porquê e para quê?

Simpáticos e amáveis, o Mergulhão e o Cosme quiseram mostrar-nos as modernas instalações do R. C. P. (o Mata, outro dia, chamou-lhe, por graça, o «Rádio Cosme Português...»). Depois, cá fora, ainda de visita às instalações, o Mergulhão dizia de vez em quando:

— «Aqui é a carreira de tiro...» «Olhem, o campo de ténis...» «Reparem, agora, num campo de golf em miniatura...» «Além, joga-se ao basket...» Nós dizíamos sempre que sim, mas não víamos nada, por causa do escuro e do frio.

Alguém sugeriu uma corrida. Todos aprovaram, excepto a Leonor Maia. Ela tinha medo de escorregar, partir uma perna... e adeus contrato. Mas quem escorregou e caiu foi a «Tatão» do meio.

Citima visita à casa das máquinas. O Cosme fez demonstrações. Pegou numa lâmpada e, a uma boa distância das máquinas, a lâmpada acendeu-se, tal era a força da corrente. Todos nós repetimos a experiência. Todos nós. A Leonor Maia não quis arriscar-se... Tinha medo de um desastre e de perder o contrato.

Depois, ainda passámos pelo arquivo dos discos, onde as «Tatões» queriam encontrar o já famoso «Belja-me». O Cosme informou-as de que ia em breve ser cantado, no R. C. P., por uma menina toda de verde...

Era meia-noite, quando o passeio acabou. Deliciosa noite. Desejámos felicidades a Leonor Maia e às suas duas irmãs. Eis três raparigas simpáticas, despretenciosas, inteligentes e bonitas. Nem parecem portuguesas... E metemo-nos no combóio, parafraseando o rifão velhinho: «Guardada está a reportagem... para quem a há-de fazer»...

Uma anedota de Oscar de Lemos

SEGUNDO nos contam, esta é verdadeira e passou-se, há dias, com o Oscar. Ele foi ao Casino do Estoril e, passeando, chegou à sala de jogo. Ai, a atracção arrastou-o. E se tentasse a sorte? Amigo Oscar hesitou mas acabou por se resolver. Pediu uma ficha de quinhentos escudos e jogou-os todos em par e negro. U! que ansiedade, enquanto a bolinha corria! Por fim, o Oscar empatateceu. Saira vermelho e impar! Então, sorrindo o seu sorriso mais galhofeiro ele retirou a ficha e disse para os outros:

— Olha se fosse a sério... E sumiu-se, deixando um rasto de olhares. Só na rua é que o Oscar respirou aliviado. Salvara os quinhentos escudos, por um triz...

LISBOA VAI OUVIR GRANDES CONCERTOS!

FELIZMENTE, as boas notícias também se propagam com grande rapidez. E a nova de que o Circulo de Cultura Musical ia promover, em breve, extraordinárias realizações correu Lisboa, de léssa-a-lés e pôs um frémito de esperança no espírito de todos os apaixonados pela música.

Para concretizar a novidade, procurámos em sua casa a Sr.ª D. Elisa de Sousa Pedroso, pianista de sensibilidade invulgar e alma e coração do Circulo de Cultura Musical, de que foi persistente fundadora e de que é devotada presidente.

Acolheu-nos amavelmente: — Sim, o Circulo vai realizar iniciativas de grande envergadura. O nosso interesse — o da direcção do Circulo — é fazer ouvir em Lisboa coisas que não se conhecem, por cá, mas que todo o mundo civilizado já conhece.

Arriscámos uma pergunta: — Esse esforço tem sido bem compreendido?

— Talvez não... Por exemplo, o arrôjo de trazer até nós Arthur Honegger, uma das glórias musicais contemporâneas, não foi compreendido por todos os que tinham esse dever.

A nossa entrevistada entusiasma-se:

— Por intermédio do Circulo, Lisboa tem escutado quasi todos os grandes nomes do mundo musical de hoje. O público deve-nos esse ensejo e devia reconhecê-lo. Isto não obriga a dizer que gostem, de maneira alguma.

Voltámos ao assunto que ali nos levava:

— E esses grandes concertos futuros serão transmitidos?

— Certamente... Temos o desejo sincero de que a boa música seja ouvida por todos os que se interessem por ela.

Aproveitámos a oportunidade:

— Teremos música para o povo?

O olhar dela iluminou-se.

— Oh, esse é o meu maior sonho.

Música para o povo! Mas para realizar esse sonho é necessária uma grande sala para concertos populares. Uma sala com todos os requisitos, indispensáveis a espectáculos de tal natureza. E essa sala ainda não existe!

Agradecemos e deixámos-lhe entregue a uma composição de Manuel de Falla. A música acompanhou-nos ao longo do caminho, até à rua. E nós ficámos satisfeitos. A notícia confirmava-se: Lisboa vai ouvir grandes concertos!



DESPORTO

PARA QUANDO, UM PALACIO DE DESPORTOS ?

PARECE que vai ser um facto a construção de novos recintos de patinagem, em Lisboa.

De certo que tais iniciativas são de aplaudir, sendo de desejar que se multipliquem. Denotam espírito de realização e, porque, infelizmente é assim cá no burgo, quasi que fantástico espírito de audácia!...

Mas, a propósito das anunciadas construções, lembra-nos uma lacuna grande no meio desportivo da capital, e que, uma vez preenchida, beneficiaria também o País: um recinto geral de Desportos — um Palácio de Desportos, se preferirem e para lhe chamar, afinal, pelo seu verdadeiro nome!...

Desde que nos entendemos, que ouvimos falar nessa necessidade.

Um período houve, até, em que a ideia se agitou, deixando uma tênue impressão de viabilidade.

Tudo se aquietou depois e voltou-se à primeira forma. De tempos a tempos, recordava-se que bom que seria se tivéssemos um Palácio de Desportos, suspirava-se com uma certa profundidade, e o ambiente tornava à acalmia.

Esse período de agitação da ideia, coincidiu com as obras no Eden Teatro. Pôs-se a correr o boato de que, sendo impossível isolar os ruídos da estação do Rossio, o edificio desapareceria como casa de espectáculos. E aventou-se a hipótese de ser erguido ali um Palácio de Desportos. A letra de forma ocupou-se do assunto, mas as possibilidades de entrar em campo de realizações diluíam-se pouco depois...

Evidentemente que aquela porção de terreno, com uma largura mínima e sem possibilidades de conquistar mais um metro, não servia de maneira nenhuma ao projecto. Era meter o Rossio na rua da Betesga — e um Palácio de Desportos, por muito modesto que se queira conceber, tem de ser sempre uma coisa grandiosa.

Além da maior comodidade para os espectadores, pormenor que por cá se deixa tanta vez no olvido, quando afinal é básico, comportaria tudo quanto se possa admitir num edificio construído expressamente para servir o desporto: piscina — ou piscinas — recintos para atletismo, basket, hockey patinado, box e luta, velódromo, autódromo e até hipódromo.

A obra, hoje, é dispendiosíssima. Seriam precisos muitos milhares de contos. A iniciativa particular não se arrisca a tal... Mas se recebesse um impulso estranho, talvez se fizesse. Tudo era questão de tentar. Um pouquinho da tal fantástica audácia!...

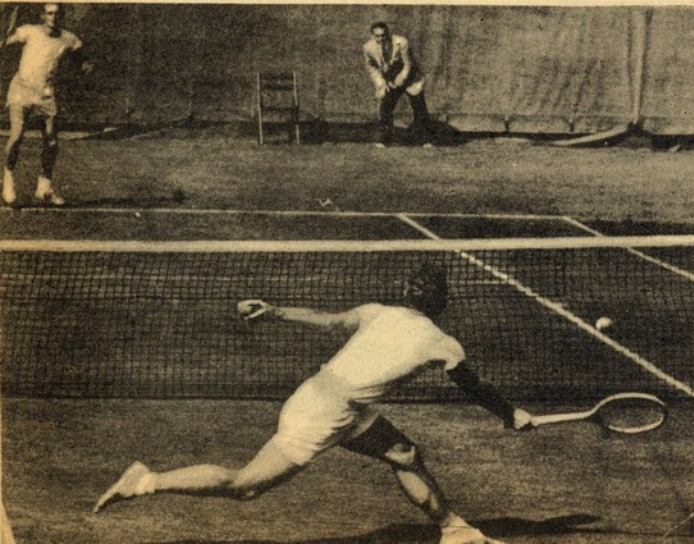
Gostariamos de ver erguida a obra. Se o não conseguirmos, resta-nos e certeza e a consolação de que os nossos possíveis netos nos digam depois como foi!...

DOMINGOS LANÇA MOREIRA

O VENCEDOR DO CAMPEONATO DE TÊNIS DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA I

Um tenente da marinha ganha o prêmio de Tênis, dos Estados Unidos, O tenente Joseph Hunt, no primeiro plano, derrotou na final do Campeonato Jack Kramer.

Observe-se a extraordinária mobilidade do vencedor, nesta jogada, em que a rapidez e o golpe de vista foram essenciais condições de êxito.



Tristezas não pagam dívidas...

FRANCISCO FERREIRA

O jogador que ri

TALVEZ o leitor não tenha reparado ainda. Mas repare na expressão do médio do Benfica, Francisco Ferreira, especialmente numa jogada que exija grande esforço atlético. Repare, também, quando ele perde um lance... Siga, enfim, tanto quanto puder, as expressões do conhecido futebolista. Há-de ver que no seu rosto permanece um sorriso, um sintoma de satisfação e alegria.

Nunca ninguém, durante esta meia dúzia de épocas em que tem jogado no Benfica, lhe notou um gesto de mau humor, uma atitude reveladora de má disposição.

Pode jogar menos bem hoje do que ontem, e melhor amanhã do que hoje; é certo, matematicamente certo, que a máscara de Ferreira não se altera!

Quando retira do campo vencido, nenhuma expressão lhe revela o desânimo ou a alegria.

Claro que Ferreira não é um insensível. Tem coração e alma como os demais. Prova-o a cada instante, e os desafios constituem os mais flagrantes atestados de como assim é!...

Sente, como todos, os momentos bons e os momentos maus. Simplesmente, tem uma maneira diferente de exteriorizar o seu estado de alma, não se manifestando em nenhuma circunstância.

Talvez, por parecer cá fora um indiferente, é que Francisco Ferreira, dentro do campo, anda sempre a sorrir.

É um jogador alegre. Ele próprio diz:

— Se dou ao jogo todo o meu entusiasmo, porque não hei-de demonstrá-lo quando persigo a bola ou um adversário que a tenha? Jogar a bola é para mim uma alegria, um prazer...

— Mas nem nos jogos de grande responsabilidade lhe foge essa alegria...

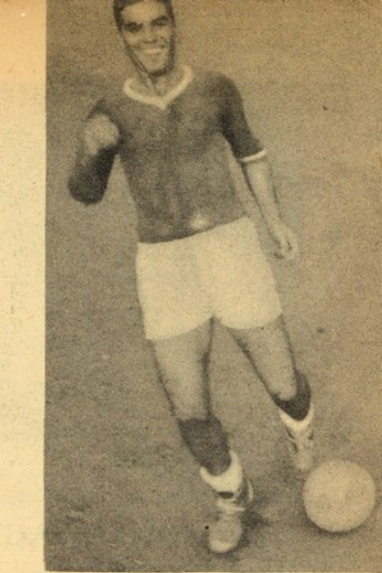
— Pois não. Até pelo contrário. Aumenta para mim o prazer de jogar quando tenho jogo de pé... O pior que me pode suceder é perder. Como me bato sempre da mesma forma, tiram-se duas conclusões: ou joguei mal, e o grupo a que pertenço também, ou então o adversário era-nos superior... O que não vejo é motivo para se chorar nem deixar de comer...

— Mas você sabe que há quem pense que o seu sorriso é de mofa para os adversários e para o público?

— Sei. Mas que lhes hei-de fazer? Não posso deixar de ser aquilo que sou. O que nunca fiz nem farei, é menosprezar qualquer adversário e muito menos ainda apoucar o público. Olhe: pensar nisso é até uma barbaridade!...

Recorda-se um pormenor curiosíssimo, desconhecido do grande público: recentemente, um árbitro participou do médio do Benfica, acusando-o de se estar a rir dum adversário, naturalmente dêle, árbitro, e da assistência. Sobre o assunto, Ferreira não faz comentários...

— Rio, porque rio. O tutebol, e todo o desporto, deve ser praticado com boa disposição e alegria. Jogador que se acabrunha, em minha opinião,



é um fraco! Felizmente, sou forte, tenho ânimo e alegria. E digam-me: o que é desporto, senão uma manifestação de alegria?

Francisco Ferreira, o jogador que ri...

Francisco Ferreira, o jogador filósofo!...

ÊSTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

DAQUI e DALI...

O Ginásto Feminino de Portugal comemora hoje mais um aniversário.

Produto de um punhado de boas-vontades, mantidas à custa de muitos sacrifícios, o G. F. P., pode ser apontado como uma expressão triunfante do anseio da mulher desportiva portuguesa.

Endereçamos-lhe os nossos cumprimentos.

* * *

...E depois, diz-se que se faz má figura!... Agostinho Guedes partiu para Espanha, a combater Inácio Ara, na ante-véspera do combate. O mau tempo impediu, porém, a realização da pugna. Mas a pergunta fica de pé: Será lógico, será desportivo, será acatelar a responsabilidade de um nome, consentir que um pugilista da categoria de Guedes, — e tem categoria incontestavelmente — chegue um dia antes a uma terra estranha, onde o clima e a alimentação são diferentes, para disputar uma luta de tamanha envergadura?...

* * *

O nosso afundado do último número sobre as instalações dos clubes náuticos, recolheu o aplauso dos meios afectos aos desportos do mar. A doutrina expressa parece, de facto, visar uma ideia que só beneficiaria o remo e a vela. Congratular-nos-lamos se vissemos navegando com bom vento as agremiações náuticas de Lisboa. Quem bem precisam, valha a verdade!

* * *

A luta greco-romana, um desporto completíssimo sob todos os aspectos, vai receber, segundo tudo indica, um impulso que a reponha no pedestal de aura e desenvolvimento que já teve entre nós.

O marasmo a que foi votada, nunca se teria verificado se os elementos responsáveis pela sua expansão, não tivessem entrado em doloroso estado de coma...

«O SENHOR MEDEIROS»

da "Voz-Época-Ordem"

As últimas cotações, os últimos recortes financeiros e os últimos desinfectantes

Às tantas da madrugada, aparecia na redacção da *Pátria* ou, então, pairava na sombra escura e confortável do antigo Hotel Borges. Trazia, sempre, pontualmente, limpidamente, como que pairantes das antenas dos seus sedosos bigodes brancos e da sua pera cónica, também irrepreensivelmente branca, as últimas cotações, as últimas informações financeiras...

— «O senhor Medeiros...

— Tá também... que entre...

Ele chegava e numa voz baixíssima, inalterável, dava as suas informações iguais, mas mais completas que as de outros jornais. Às vezes, quando a luza-lufa das redacções era maior, sentava-se a um canto, sacava de um dos intermináveis bolsos um pedaço de lápis tinto que nunca acabava nem aguçava, um lápis de inverosímil longevidade e com uma caligrafia inconcebível, arrazoava o seu arancel financeiro.

Entretanto, ia ali porque lhe pagavam e as suas informações eram valiosas, embora quasi inaudíveis. A devoção desinteressada do senhor Medeiros, ilimitada, incontível, era pelo sr. Conselheiro Fernando de Sousa e seus diários — ora a *Ordem*, ora a *Época*, ora a *Voz*, consoante as suas discrepâncias e fortes irreverências com as autoridades, quer temporais, quer espirituais...

O senhor Medeiros, desde a espanhola, que lhe dera uma febre passageira, deixara-se tomar da mania dos desinfectantes: tudo gastava em infinitos conta-gotas ou ramalhinhos de rosmarinho. Tinha medo da morte que se pelava.

Naquêle mar-morto, até que desapareceu em qualquer volta de esquina, era de uma fidelidade tocante, canina, pelo senhor Conselheiro. Sobrenadava-lhe aquêlê sentimento. Resistia a tudo. Com a forte visibilidade retrospectiva dos manlacos o «senhor Medeiros» todas as noites tinha uma historietta:

— Porque o senhor Conselheiro... Devido ao senhor Conselheiro... Talvez o senhor Conselheiro...

E nunca concretizava. Jámais alguém soube, concretamente, nem o próprio Conselheiro Fernando de Sousa, a origem e consistência daquela gratidão que já sbrangia o quadro das idéias fixas:

— Menino... Menino... Ele é um santo uma esplêndida pessoa, coração de ouro... Menino! Porque se riem?

— Mas ninguém se ri, senhor Medeiros. Todos o escutam.

— Ora bem! Deixem-me sentar ali ao canto. Este sobrescrito, já aberto, eu escrevo-lhe nas costas... Alterações, poucas... A libra, estava a 8\$300, teve um esticão. Calculem quasi subito a 9\$000! O melhor é eu dizer ao sr. Doutor Nuno Simões!

O bom Medeiros, assim acabou, à sombra da tolerância de todos e, na *Pátria*, magistral organização do diário mantida, quanto possível, pela inteligência de Nuno Simões, por êsta afagado nos seus últimos anos. Lá foi, com certeza, ainda agarrado à última fôlha de eucalipto e ao primeiro sobrescrito que lhe davam em qualquer cambista da Baixa!

CONSIGLIERE SA PEREIRA



O Jornalista Soldado

e poeta popular

Eduardo de Carvalho

sideravelmente chuvoso, me apareceu um sujeito for sujeito de uma cordilheira intermédia de filhos filhas; a mais velha era quasi tão nova como sua esposa, ainda hoje irmanadas na graça sorridente e autenticamente luso-galica com que mantêm a casa.

Recem-chegada de Boston, Eduardo de Carvalho era, e continua a ser, o elemento ruidoso, oxigenante e alegre da casa inteira. Sua esposa, irmã da família Gandara, a qual é uma intermédia sucessão de irmãs e irmãos multiplicados por infinitos sobrinhos, consegue, às vezes, reprimir, durante segundos apenas, com o exemplo da sua calma e disciplinada actividade, a ruidosa e exuberante alegria de seu marido.

Habitos de redacção, inocentes liberdades de boémia do espirito, alegria e desesperam, simultaneamente, D. Isola. Como escapar, porém, a confraternial exuberância lusitana e beiróta, de Don Eduardo? Ainda que êle seja o menos donável dos seus filhos, ela consegue, por curtos intervalos, repetitivos, domar aquêlê que foi eleda rugidor, vale exasperado, jornalista retumbante, na expressão de qualquer genealogista ainda por nascer.

Estava tão americanizado nesse remoto ano de 1924, que até nos appareceu em Tuy com um sábio. O qual, excelente homem que figura em diversos grupos familiares, dizia Eduardo de Carvalho, sob palavra de honra, entender, de quando em quando, que a fantasia o arrastava nesses momentos, porque êsse homem, sábio, illustre, insigne, virtuoso, dadoivo, tudo aquêlê que queiram, enfim, jámais abraça a boca diante de nós.

— É porque estress, há quinze dias, uma dentadura nova e tem de apertar muito a boca — explicava o jornalista Eduardo de Carvalho a suas cunhadas, as quaes formavam autênticos cachos de beleza, vivacidade e graça nos balões do Casino.

Certo é perdurar, nas colunas do «Século da Noite», a sua campanha contra o tráfico de menores na fronteira galico-portuguesa. Uma, entre tantas outras, em que êle tem consumido o seu coração — transbordante de simpatia, efusão e comunidade.

DO PASSADO

"O POVO"

Creação de RICARDO COVÕES



PODE dizer-se, ao olhar Ricardo Covões: êste homem, inteligente, feito de um só golpe, desafiando o tempo com a vitalidade moça de ontem, de hoje e de amanhã, jornalista do povo, a êste teria e terá de dedicar-se na exuberância permanente que dêle irradia.

Se a «Capital» representou, no arco-iris policromado de talentos jornalísticos que saúdava o advento da República, nos surdos movimentos percursores do advento do novo regime, algo, de novo na história da reportagem, aligeirando-a das negras fumaradas do crime no Bairro Alto para a vestir à europeia — o «Povo», do Ricardo Covões, nascido poucos anos decorridos, era o ponto de parada entre «Vanguarda», demasiado escolástica, a «Luta», de Brito Camacho, centro da intelligência e da cultura espiritual dêsse tempo, e o «Mundo», cujas excessivas veemências comprometiam, por vezes, sem nada acrescentar à necessária auréola do seu criador e dador de uma vida inteira de sacrifícios: França Borges.

«O Povo», cabeça desenhada audaciosamente, firme e hercúleo, ponderado e audaz, foi um jornal de transitória vida mas cuja memória se perpetuou entre quantos se recordam dêsses tempos já distantes. Época de combates generosos, de singulares contrastes e abertos idealismos, de boémios convictos e illustres, de imersão de quantos valores livres, estuantes de mocidade e de amizade, abrigava a seiva portuguesa e se constituísse naquilo que já era, futuristicamente, à ma-

neira da próxima-a-nascer «Arte Nova» de Almeida Negreiros: uma classe média à qual pertencia por direito próprio um pósto e o occupava com uma naturalidade conquistadora e simpática.

Mas não se pode ser permanentemente anjo, da mesma maneira que a mais impura das cortezãs tem um minuto de amor verdadeiro. Ricardo liquidou a sua empresa jornalística, guardando, sempre, no fundo do coração, a ternura que tem por todos os jornalistas. A tarde, um vozeirão, tempestuoso pelo volume mas alegre pelo optimismo que o vivifica, estremece o Coliseu: é a voz de Ricardo Covões: deixou o jornalismo do «Povo» para ordenar e manter os recreios populares.

Nisto só existe verdade estricita, realidade permanente. Ricardo Covões, estável como tudo aquilo que dêle irradia, deixou a empresa popular da fundação republicana para se dedicar a tudo quanto requeria auxilio, actividade e amor. Intensamente afectivo, resguardando-se porque lhe custa dizer: «não», antes tendendo sempre para o afirmativo «sim», pode dizer-se não ter havido empreendimento, associação, cantina, escola, que dele não tenha recebido fraternal auxilio.

O Povo vive nele, permanece, como nos «frescos» da Câmara Municipal, e dentro da sua formação ágil de jornalista é sempre o homem de rápida intuição, esplêndido fígado, óptimos pulmões. A garganta é idêntica à dos dezóito para vinte anos: sômente algum insidioso e passageiro catarro lhe altera os humores uma ou outra rara vez.

Nestas breves notas, onde averbamos a realidade do passado, todavia estuante de vida, se mais de uma ocasião martelamos nos seus sessenta anos, é porque êles documentam o friso de mocidades renascentes em Ricardo Covões, ciclópico, fundidor de três gerações e «papá» de toda a garotada das escolas ante cuja alegria ingénua, êle, criança eterna, abre os portões do seu Coliseu, mantido, numa luta tenacissima, nestas horas críticas.

PASSEIA na Baixa, quando não há umidade e a sua asma nervosa o permite. Proprietário de uma caligrafia desenhada, que parece fácil e é mais difícil de ler que o Livro de Horas do Senhor Dom Manuel «O Venturoso», tem empreendido na sua já dilatada vida de jornalista uma quantidade infinita de campanhas. Como associa, a todas essas qualidades, a de um zeloso e disciplinado funcionário, chegará a contemplar o seu próprio centenário. Isto não é rifa; antes a certeza da virtude e do labor justamente compensados. Eduardo de Carvalho, jornalista e poeta, autor de numerosos relatórios e disposto sempre de um esplêndido sorriso, é demagogo por todos os seus numerosos colegas.

Durante anos, manteve rifa campanha no «Século da Noite» contra o tráfico de brancas e de brancos feito na fronteira da Galiza. Espantou-me a continuidade e certeza da prosa, e ainda a impossibilidade prática de uma só pessoa desenharem tantas tetrinhas. Preguista a Aveleiro de Almeida — êle disse-me, sorridente e sussurrante, enquanto com o labio descaído no canto inferior da boca mascava o décimo charuto daquele dia:

— É o nosso colega Eduardo de Carvalho... E só êle tinha coragem para tanto! Não faz idéias, você, que é um rapaz, da quantidade de interesses que o jornalista-soldado está a atacar!

Passados tempos, estava em Tuy, onde nascera o meu filho mais velho, quando, um belo dia de Verão con-

HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

* por Carlos Ferrão *

Capítulo XXIII - a campanha da Rússia

AS REACÇÕES PROVOCADAS PELA ATITUDE DA TURQUIA

A assinatura do tratado germano-turco realizou-se em Ankara no dia 18 de Junho de 1941. Ninguém teve dúvidas de que, a essa assinatura, se sucederiam acontecimentos de importância e de significação histórica. As notícias relativas à existência de poderosas concentrações de tropas, dum e doutro lado da fronteira do Reich com a U. R. S. S., eram a prova mais eloquente de que os acontecimentos previstos se produziriam, mais uma vez, na região tradicional onde, no decurso dos séculos, se têm travado os duelos gigantescos do germanismo e do eslavismo.

No preâmbulo do tratado subscrito pelo ministro dos Negócios Estrangeiros da Turquia, Sarad Jöglü, e pelo embaixador do Reich, von Papen, afirmava-se que cada uma das partes contratantes ressaltava os compromissos contraídos anteriormente com terceiras potências. Do lado alemão esta declaração não envolvia qualquer modificação substancial do estado de coisas existente. Mas do lado da Turquia significava que o governo de Ankara não desejava denunciar a sua aliança com a Grã-Bretanha, contraída em Outubro de 1939.

Como podia e devia interpretar-se esta reserva turca que tinha certamente uma intenção diplomática mais profunda do que a de se manter fiel a uma assinatura dada voluntariamente? Em Ankara não ignoravam a extensão dos preparativos feitos pela Wehrmacht, com vista à invasão do território soviético. Não ignoravam, também, que a introdução do factor russo na condução do conflito criaria um condicionalismo novo cujas consequências eram difíceis de prever nessa altura.

Os soviéticos não deixariam de interpretar a assinatura do pacto germano-turco (o que efectivamente aconteceu) como um acto pouco amigável da parte da Turquia, embora fossem evidentes e imperiosas as razões que levavam a Turquia a proceder assim. A invasão da Rússia faria surgir, automaticamente, a aliança russo-britânica, e nessa aliança o factor inglês serviria para temperar, nas relações com o governo de Ankara, a rigidez do factor soviético. Tanto quanto é possível raciocinar a distância sobre os factores contingentes da diplomacia e da guerra, os cálculos dos dirigentes turcos corresponderam ao desenvolvimento ulterior dos acontecimentos.

O TEXTO DO TRATADO

Pelo artigo 1.º do tratado, a Turquia e o Reich comprometiam-se a respeitar mutuamente a sua independência e a sua integridade territorial, e a não assumirem, no futuro, quaisquer compromissos internacionais susceptíveis de prejudicar a aplicação prática destes princípios. Pelo artigo segundo, os dois signatários assumiam o compromisso de, no futuro, se consultarem sempre que surrissem questões que de maneira directa ou indirecta, lhes dissessem respeito. Esses contactos seriam sempre encaminhados no sentido de preparar soluções amigáveis e equitativas nas questões em que porventura se suscitassem divergências entre os

signatários do tratado. No terceiro artigo, estabelecia-se a duração de dez anos para o pacto, podendo a validade deste ser prorrogada, desde que as duas partes a esse respeito chegassem previamente a um acordo. Os instrumentos de ratificação seriam trocados em Berlim, o mais rapidamente possível.

Com a assinatura do pacto político iniciaram-se, imediatamente, negociações de carácter económico entre os dois países. Essas negociações foram conduzidas por delegações presididas, respectivamente, a da Turquia pelo secretário geral do Ministério dos Negócios Estrangeiros, Menemen Jöglü (que actualmente é o ministro dos Estrangeiros turco, tendo o seu antecessor, Sarad Jöglü, transitado para a presidência do conselho de ministros) e a do Reich pelo dr. Clodius, chefe da Repartição de Assuntos Económicos da Wilhelmstrasse.

O sr. Sarad Jöglü fez uma importante declaração para a Imprensa, no momento da assinatura do pacto de 18 de Junho, acentuando que esse pacto criaria uma base sólida para as relações entre os dois países. A declaração do ministro turco terminava com uma revelação que causou justificada surpresa nos países anglo-saxónicos onde eram apreciadas no seu justo valor as razões que levavam a Turquia a adoptar aquele procedimento: «No final das negociações, disse Sarad Jöglü, eu e o embaixador von Papen chegámos a um perfeito acordo para envidarmos todos os esforços no sentido de se conseguir que as publicações de Imprensa e as emissões radiofónicas nos dois países sejam animadas pelo mesmo carácter de amizade e confiança que caracteriza actualmente as nossas relações políticas».

A REACÇÃO NO REICH

Entre o chanceler Hitler e o presidente Ismet Inonu trocaram-se telegramas de saudação muito cordiais. A Imprensa alemã saudou a assinatura do pacto como um autêntico triunfo alcançado pela diplomacia do Reich. Um jornal que merecia reputação, o «Hamburger Fremdenblatt», caracterizava assim o espírito do pacto: «É certo que o tratado de aliança entre a Turquia e a Grã-Bretanha não foi denunciado. Mas a diplomacia alemã conseguiu, desde já, que ele não possa ser usado contra o nosso país, o que constitui uma vantagem indiscutível. Com a assinatura do pacto germano-turco a verdade é que a aliança da Turquia com a Grã-Bretanha perdeu toda a sua virulência».

Em Londres a assinatura do pacto foi recebida com uma frieza compreensível, mas a Imprensa britânica não deu mostras de despeito que, a produzirem-se, serviriam apenas para revelar, com todos os inconvenientes, o fundo do pensamento da nação inglesa e dos seus dirigentes. A Imprensa britânica, pelo contrário, pôs em relevo a natureza das dificuldades e dos perigos que a nação turca tinha de defrontar. No fundo, considerava que a manutenção da neutralidade turca beneficiava directamente o esforço de guerra inglês, impedindo que a Wehrmacht penetrasse até ao Próximo Oriente para auxiliar os movimentos pró-Eixo que se tinham manifestado no Iraque e no Iran.

Entretanto, a opinião pública em Inglaterra não compreendia que a tendência relativamente optimista com que se encara a assinatura do pacto, fosse levada até o ponto de permitir que as estações de radiodifusão britânicas anunciassem que ele em nada afectava nem o prestígio nem a posição da Grã-Bretanha naquelas paragens. Lord de la Warr criticou asperamente, em público, o teor das declarações radiodifundidas de Londres, considerando que elas eram de molde a prejudicar, dado o seu carácter excessivo, mais do que a beneficiar a causa da Grã-Bretanha no mundo.

Nas declarações que fez na Câmara dos Comuns a propósito da assinatura do pacto de amizade germano-turco, o Secretário de Estado para os Negócios Estrangeiros declarou que a Turquia continuava a ser uma nação amiga e aliada da Grã-Bretanha, mas teve o cuidado de acrescentar: «O governo inglês não foi surpreendido pela notícia. Mas é evidente que teria preferido não a receber, desejando que o pacto não tivesse sido assinado». «O preâmbulo do pacto, continuou o sr. Eden, taxativamente declara que os dois signatários manterão os compromissos anteriormente assumidos. O governo turco fez-nos sempre saber que na primeira linha desses compromissos se encontrava o tratado de aliança assinado com a Grã-Bretanha em Outubro de 1939».

A intervenção de Lord Winterton no debate foi assinalada por uma declaração ácida que a maioria da Câmara não sancionou: «Gostaria que o Governo me explicasse como é que um amigo e aliado continua a manter inalteravelmente estas duas qualidades, depois de ter assinado



Em Angora, acaba de ser assinado o pacto de amizade germano-turco. Sarad Jöglü, ministro dos Negócios Estrangeiros, e von Papen, embaixador na Turquia, apertam-se efusivamente as mãos.

um pacto de amizade que liga os seus destinos estreitamente aos destinos do nosso pior inimigo». A declaração de Lord Winterton implicava uma resposta que, naturalmente, lhe não foi dada. Mas era evidente que, no espírito de muitas das pessoas que o escutavam, a dúvida que ele tinha manifestado existia também. O assunto não foi levado por diante e a declaração do sr. Eden ficou como a expressão dos sentimentos oficiais da Grã-Bretanha.

REPERCUSSÕES NAS RELAÇÕES GERMANO-TURCAS

Como já tivemos ocasião de ver, a assinatura do pacto entre o Reich e a Turquia obedecia essencialmente a razões de ordem militar e visava a acautelar um dos flancos do exército alemão para a eventual invasão do território russo, nessa altura decidida pelo Estado-Maior e pelos dirigentes políticos do Reich. A expulsão dos ingleses da Grécia e de Creta não barrava completamente o caminho à esquadra inglesa se esta tentasse penetrar no Mar Negro para auxiliar a Rússia, no caso desta ser atacada. A atitude assumida pela Turquia, tomando o compromisso de não se associar a qualquer acto de hostilidade contra o Reich, tornava inoperante, neste ponto essencial, o tratado de aliança anglo-turco e fechava definitivamente os estreitos ao poder naval britânico.

Com uma possível invasão da Turquia, que se considerou iminente em seguida à campanha dos Balcãs, as posições britânicas no Próximo Oriente ficariam directa e seriamente ameaçadas. Assinando um pacto de amizade com a Turquia, o Reich revelava, claramente, a intenção de não atacar, de momento, aquele país. No pensamento dos dirigentes políticos e militares do Reich, o inimigo britânico passava para segundo plano e o esforço militar da Wehrmacht não deixaria de incidir noutro ponto. Esse ponto era, necessariamente, o território da U. R. S. S.

Ja esse ataque produzir-se, imediatamente, ou existiria primeiro sob a forma de uma ameaça em potencial, a fim de liquidar, por via de negociações impostas, o perigo que para a máquina militar alemã representava a existência do exército vermelho? Esse era o único ponto em dúvida, a respeito do qual as opiniões dos observadores dos acontecimentos internacionais se dividiam. Esses observadores passaram naturalmente a seguir, com uma atenção e uma vigilância maiores, a sucessão crescente que dum e doutro lado se faziam, ao longo da fronteira germano-soviética.

O SILENCIO DE MOSCOVO

Nem a Imprensa nem as estações de radiodifusão soviéticas fizeram a mais pequena alusão à assinatura do pacto de amizade germano-turco, o que devia considerar-se significativo dada a existência, durante largo tempo, de relações particularmente cordiais entre a Turquia e a Rússia. Depois da conflagração de 1914-18, os dois países tinham sustentado uma luta comum contra as potências vencedoras, e essa circunstância contribuíra para aproximar estreitamente os soviets do regime kemalista. É certo que a assinatura do pacto germano-turco, de Agosto de 1939, ao mesmo tempo que a Turquia se associava às nações ocidentais, França e Inglaterra, contribuíra poderosamente para que se verificasse um

esfriamento súbito nessas relações. Mas o seu carácter essencial permanecera, até ali, intacto.

O silêncio soviético só podia ser interpretado como o reconhecimento de que a atitude da Turquia equivalia a um acto de hostilidade que ia rapidamente revelar-se fértil em consequências desagradáveis. Esse silêncio, era necessário não o esquecer, produzia-se exactamente no momento em que se adensavam as concentrações alemãs ao longo da fronteira soviética. Em Moscovo não podia haver a mais ligeira dúvida sobre a verdadeira finalidade dessas concentrações nem sobre as facilidades que, para a realização dos objectivos da Wehrmacht, representava a assinatura do pacto com a Turquia que acautelara definitivamente o seu flanco sul.

Na falta de qualquer referência à assinatura do pacto de Ankara, tanto a Imprensa como as estações radiofónicas russas, iniciaram uma campanha vigorosa contra as versões postas a correr no estrangeiro e segundo as quais devia considerar-se iminente um ataque alemão à Rússia. Tratava-se, segundo a interpretação oficial soviética, de meros propósitos de propaganda dos adversários dos dois países.

O ÚLTIMO DESMENTIDO

No dia 13 de Junho a «Tass» publicava ainda um desmentido formal às «versões postas a circular pela Imprensa anglo-saxónica», concebido nos seguintes

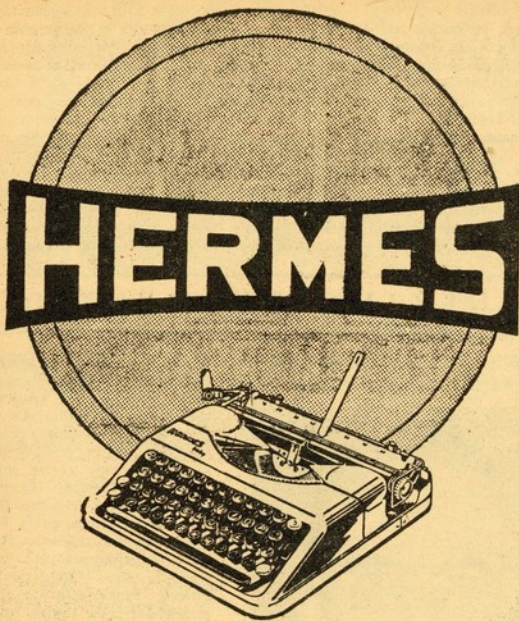
térmos categóricos: «Antes da chegada de Sir Staford Cripps a Londres foram postos a circular numerosos boatos sobre a proximidade de uma guerra entre a Rússia e a Alemanha. Estes boatos referem-se à existência de pedidos alemães para que a Rússia faça ao Reich concessões territoriais e económicas e para que lhe empreste uma colaboração mais estreita. Espalhou-se que, como consequência da recusa russa a satisfazer esses pedidos, foram acumuladas grandes massas de tropas alemãs na fronteira russa, e que o governo de Moscovo, por sua vez, tomara as suas medidas de segurança. Apesar destes boatos serem completamente absurdos e constituírem um puro produto da propaganda espalhada pelos inimigos do Reich e da U. R. S. S., os meios responsáveis de Moscovo julgaram de seu chegada de Sir Staford Cripps a clarar da maneira mais categórica:



Stafford Cripps,

A mesquita da mãe do sultão ergue para o céu os seus airosos minaretes. Em baixo, como um tapete mágico da velha Constantinopla que boje se chama Istambul, o histórico Chifre de Ouro.





**A mais encantadora máquina de escrever;
O triunfo da industria suíça**

Representante exclusivo em Portugal: M. SIMÕES JR.
Rua da Conceição, 46, 1.º — Telefone 21672 — LISBOA
Distribuidores no Norte:
ARAÚJO & SOBRINHO, SCRS.
Largo de S. Domingos, 50, e Filial: Rua dos Clérigos, n.º 8
Telefones 235 e 2352 — PORTO

HISTÓRIA DA GUERRA

(Continuação da pág. 19)

1.º — A Alemanha não apresentou nenhuns pedidos à Rússia soviética nem sugeriu uma colaboração mais estreita entre os dois países. Não há, portanto, entre eles actualmente quaisquer negociações, ao contrário do que se tem espalhado.

2.º — Como a Rússia Soviética, a Alemanha cumpre estritamente as cláusulas do pacto germano-soviético. As concentrações de tropas no nordeste da Alemanha nada têm que ver, portanto, com a Rússia.

3.º — A Rússia Soviética pratica em relação à Alemanha, a política pacífica que inspirou a celebração do pacto de 23 de Agosto. As notícias sobre concentrações de tropas russas dirigidas contra a Alemanha são, portanto, infundamentadas.

4.º — A chamada de reservistas na Rússia e a realização de manobras são perfeitamente normais. As alegações de terem sido praticados actos de hostilidade por parte de tropas russas são perfeitamente absurdas.

SINTOMAS QUE NÃO ENGANAM

A partir desse dia 13 de Junho, porém, as emissões radiofónicas e os artigos de imprensa na U. R. S. S. passaram a guardar menos reserva. Eram, sobretudo, as emissoras da província que se mostravam mais competidas da gravidade da situação, como se, obedecendo a uma palavra de ordem, os órgãos de propaganda da capital soviética tivessem sido solicitados para nada revelarem acerca do que se passava e do que se preparava.

No dia 19 a emissora de Tiflis referiu-se, pela primeira vez, abertamente, a incidentes registados na fronteira romena e a provocações de «elementos imperialistas e fascistas».

Por seu lado, os órgãos da propaganda alemã forneciam uma série de versões contraditórias sobre os acontecimentos que estavam ocorrendo a leste. Algumas dessas versões, ao contrário do que se afirmava no desmentido soviético do dia 13, aludiam claramente à existência de pedidos alemães em relação à Rússia, os quais aguardavam o momento de serem satisfeitos.

O elemento decisivo que, conjugado com a assinatura do pacto germano-turco denunciou a iminência do ataque alemão à Rússia, foi a chamada a Londres, «para consulta», do embaixador britânico em Moscovo, Sir Stafford Cripps. Desde que, um ano antes, fôra enviado para a capital soviética nunca o embaixador britânico abandonara, por um dia sequer, o seu posto. Ninguém ignorava a importância que o governo de Londres atribuía a esse posto, de que passara a fazer um dos elementos essenciais da sua política externa. A chamada de Sir Stafford Cripps relacionava-se, efectivamente, com a evolução da situação a leste e com a iminência dum conflito armado entre o Reich e a Rússia. A Grã-Bretanha esperara, durante um ano, que esse acontecimento se produzisse. Sir Stafford Cripps levou-lhe a certeza de que ele se produziria, e que se produziria rapidamente, dentro de poucos dias, o máximo dentro de poucas semanas, tal a intensidade dos preparativos militares feitos dos dois lados.

**VIDA MUNDIAL
ACONSELHA**

UMA ÓPERA

«Criação» que se cantará nos dias 8 e 9, no Teatro Nacional de S. Carlos, pela sua boa música e pelas esplêndidas vozes de D. Maria Helena Lavrador, Edgar de Almeida e José Erico Lisboa, e ainda pela colaboração da Orquestra Filarmónica de Lisboa, isto é referência do dr. Ivo Cruz.

UM LIVRO

«Casa abatida» — A. Ferreira Soares é um autor novo, segundo supomos — novo, pelo menos, na apresentação do seu primeiro trabalho. Este romance «Casa abatida», uma das mais vigorosas obras que ultimamente se tem escrito, impressiona pelo rigor geométrico das emoções e do sentido exacto com que nos é dada a vida simples das almas simples do nosso povo. Eis porque consideramos este livro notável e aconselhável — tanto mais que é escrito numa linguagem fluente e regional sem hermetismos.

UM FILME

«A Incrível Susana», que se exhibe no Eden, em segunda semana, onde Ginger Rogers tem um grande papel, ou melhor, dois bons papéis: um de «menina» e o outro de «mulher». É certo que é um filme fútil, inverosímil, sem pés nem cabeça, mas tem graça. E ter graça já é ter qualquer coisa.

**A GUERRA DAS
DUAS ROSAS**

(Continuação da pág. 24)

ralmente a madama julgava que eu aceitava, com serenidade, que me roubassem o que eu quero só para mim! Ora a atrevida!

— É tudo mentira, minha querida! Só de ti é que eu gosto, juro-te...

— Ah, meu canalha! — ela abraçou-o, esmagou-o num amplexo em que elle se perdeu na sua fôfa e ampla compleição de amorosa, substancial e espontânea. — Desculpa Gonçalvo, isto são repentis! Mas uma pessoa, quando é sincera, é assim... Quando saíu, Gonçalvo não cabia dentro de si. E, para espanear a sua felicidade, foi até ao café, onde os outros homens contavam aventuras hipotéticas ou viviam na miragem duma só mulher, mulher que os não amava...

— Não, meu caro Hugo! Eu tinha a certeza de que era amado, mas assim, na luta, nesta guerra que desencadeei, entre a suave Rosa branca, e a ardente Rosa vermelha, encontro o requinte das paixões! Dir-se-ia a Rosa tirana em luta com a Rosa... engeitada!

«O amor tem de ser obra de um combate, tem de haver choques, inquietações, sofrimentos! Por isso eu mandei às duas a denúncia da sua rival. Se visses, Hugo amigo, como elas deram o máximo de suas almas, perante essa revelação que feria o seu amor-próprio!

Dora ávante não saberão o que não de idealizar, inventar, para me conquistarem uma à outra! Ah, meu velho, o amor... o amor! É preciso ser psicólogo... é preciso ser artista para o transformar em deliciosa obra de arte... É preciso ser cultivador para fazer desabrochar as suas mais belas flores raras.

— Tu escreveste às duas a dizer...

— Claro! Provocar as reacções, estimular os contrastes. Digo-te: sou o homem mais feliz do mundo em assuntos de amores...

Foi para casa muito tarde. E, logo à entrada, encontrou duas cartas para elle. Duas cartas de letras esguias, femininas, prometedoras, que o fizeram sorrir, deleitado. Eram Elas. Esboçou um vago gesto talvez de cansaço; eram elas outra vez. Nem a duas horas de solidão e tortura haviam resistido!

Com indiferença, abriu a primeira; a letra regular, igual, colegial, de Rosa Maria.

Gonçalvo:

Final tens razão. A tua alma anda muito longe da minha. Não quero ser o estorvo da tua felicidade, nem ter desprezo por mim por mim própria. E zo, hoje mesmo, esta casa. És livre. Nunca mais me verás. Sê feliz.

ROSA MARIA

— Ah! Ganhou a outra! — exclamou Gonçalvo. E as mãos, levemente trémulas, iam abrindo a segunda carta garantida por Maria Rosa.

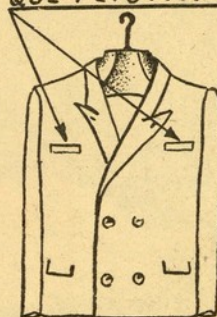
Pirata:

Es o maior canalha que eu conheço. Estive a reflectir: fica com quem quiseres. E estava eu a fazer-me preciosa para o Lopes das Conservas. Foi só telefonar-lhe e pronto, parto com elle, agora mesmo. Adeus palerma...

MARIA ROSA

— Oh!! Adeus palerma,

QUE FEIO...



Foi voltado, sem necessidade, por causa do lustro. O CASULO LIMPA FATOS tira o lustro e dá aos fatos velhos o aspecto de novos. Tira também as nódoas, o mau cheiro e desinfecta. São 6 produtos químicos diferentes e inofensivos a actuar na limpeza dos fatos ou vestidos, e a dar-lhe maior duração. Cada pacote custa só 2\$00 e dá para 1 litro de soluto.

Em todas as drogarias do País

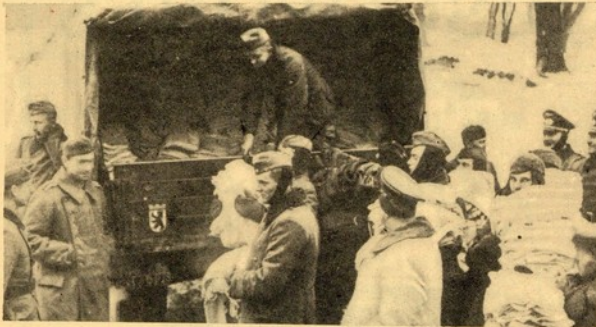
REVENDA:
R. DA MADALENA, 128, 2.º
LISBOA



NOTAS DE GUERRA



O chefe da polícia fascista de Nápoles vê-se na foto, quando estava a ser interrogado por um sargento aliado, na presença de italianos e de um polícia da A. M. G. O. T.



O Inverno vai adiantado e na Rússia o frio é mais intenso para os ocidentais. «Sempre mais roupas, sempre maiores remessas de agasalhos para os soldados que combatem na frente Leste!» — é o apêlo do Socorro Nacional de Inverno. As mulheres alemãs oferecem, então, os seus casacos de peles, angariam roupas e tecidos para que à Rússia possam chegar correngamentos de agasalhos, como este.



Todos deram conta de que as operações em Itália passaram a um tempo de marcha retardado. Aparte as razões políticas que por ventura o público desconheça e que se podem fundar no estudo de novas directrizes da guerra — existe o factor terreno que é, de facto, pouco propicio ás operações. Estas decorrem em terrenos montanhosos, inacessíveis á infantaria e ás forças motorizadas. A foto, onde se vêem aviões «Baltimore» que bombardeiam colunas alemãs para lá de Salerno — assim no-lo representa.



Os guerrilheiros da Córsega têm o seu papel na condução da guerra, e bem se pode dizer que a sua acção é tão eficiente como a dos exércitos regulares. Aqui está este pitoresco corso, de guarda a um aeródromo onde pousaram «Spitfires» pilotados por franceses.

FIGURA DA VIDA MUNDIAL



HARRY HOPKINS — Este confidente de Roosevelt não é uma figura desconhecida do grande público. De vez em quando, sabe-se que fez as malas, tomou lugar num avião e aí vai, de corrida, falar, no segredo dos gabinetes sombrios, ao ouvido das grandes figuras mundiais. Por isso ele é também uma figura mundial de relêvo. E se não fosse a falta de saúde, teria hoje em Inglaterra, em Washington ou em Moscovo algum papel de carácter permanente a desempenhar. A sua grande primeira viagem foi a Londres, em 1941, para tomar conhecimento directo das condições de resistência inglesa. Depois foi a Moscovo e da sua viagem não pode ter deixado de nascer algo de particularmente sensível, no bom entendimento dos Estados Unidos e da Rússia.



**EMISSÕES DOS ESTADOS UNIDOS
EM LINGUA PORTUGUESA**

(RECORTE ESTA TABELA PARA REFERÊNCIA FUTURA)

Horas	Estações	Ondas	Estações	Ondas	Estações	Ondas
7,45	WKTS	49,0	WRUL	38,4	WKLJ	39,7
8,45	WKTS	49,0			WKLJ	39,7
9,45					WKLJ	39,7
12,45	WRUA	26,9	WRUS	19,8	WRUW	25,6
13,45	WRUA	26,9	WRUS	19,8	WRUW	25,6
17,45	WRUA	26,9	WRUS	19,8	WRUW	25,6
18,45	WRUA	26,9	WRUS	19,8	WGEO	31,5
19,45	WRUA	26,9	WRUS	19,8	WGEO	31,5
20,45 a 21,15	WRUA	39,6	WRUS	31,4	WKLJ	30,8
21,45	WRUA	39,6	WRUS	31,4	WKLJ	30,8
22,45					WKLJ	30,8
23,45					WKLJ	30,8

A «VOZ DA AMÉRICA» em português pode ser também escutada por intermédio da B. B. C. das 18,45 às 19 horas na frequência de 48,43 m., 41,96 m., 31,41 m. e 25,09 m.

EMISSÕES DIÁRIAS

**OIÇA a VOZ da
AMERICA em MARCHA**

P A P Y R U S

- PAPYRUS — O melhor papel para escrever
- PAPYRUS — O melhor papel para imprimir
- PAPYRUS — O melhor papel para Títulos de Crédito
- PAPYRUS — O melhor papel para Apólices, etc.
- PAPYRUS — Os melhores livros comerciais
- PAPYRUS — Os melhores sobrescritos
- PAPYRUS — O melhor papel para cartas



PAPYRUS
Extra Strong

À venda nas Papelerias e Tipografias
Depósito geral:
Amador A. Dominguez & C.^a (Filho)
Rua dos Correiros, 70
LISBOA
End. telegráfico PAPIRO — Telefone 25854

**PASTA
MEDICINAL**
Couto
*Evita as doenças
da boca*

LUCINDA & INEZ, L.^{da}
ALTA-COSTURA

Visitem os nossos Atele-
res onde estão expostas
as últimas criações de

**VESTIDOS,
CHAPEUS,
LINGERIES
E PELES.**

Rua de D. Estefânia, 117, 1.^o

O Livro do Momento
**A PRIMEIRA ALIANÇA
PORTUGUESA**

por **RAFAEL MARÇAL**
À venda em todas as livrarias
Uma magnífica edição de
«VIDA MUNDIAL»

2
PRODUTOS
INDISPENSÁVEIS
À BELEZA
DA SUA PELE

Creme e Pasta de Amêndoas
Rainha da Flungia

SÃO PRODUTOS M.^{me} CAMPOS

ACADEMIA CIENTÍFICA DE BELEZA
Avenida da Liberdade, 35
LISBOA

DISCOFONES
COM
M U D A N Ç A
A U T O M Á T I C A
D E
D I S C O S

EM CAIXAS DE MADEIRA DE
BELO ACABAMENTO, PERMI-
TINDO A AUDIÇÃO DE 8
DISCOS GRANDES E
PEQUENOS, SEM QUAL-
QUER INTERRUPTÃO

O APARELHO IDEAL PARA OS AMADORES DE BÔA MÚSICA

Est. Valentim de Carvalho
R. Nova do Almada, 97

UMA GOTA DE «HERPETOL»

e o desejo de coçar passou. A irritação é dominada. A pele
refresca-se e o alívio começa

«HERPETOL»

é um medicamento sério e curto para todos os casos de
ECZEMA (humido ou seco), crostas, feridas, erupções, arden-
cias na pele, etc. ATÉ HOJE AINDA NÃO APARECEU COISA MELHOR

À venda em todas as farmácias e drogarias
Preço avulso: 11\$00



LEIA TODOS OS SÁBADOS

VIDA MUNDIAL

PASSATEMPO

DIRIGIDO POR AUGUSTO TEIXEIRA MARQUES

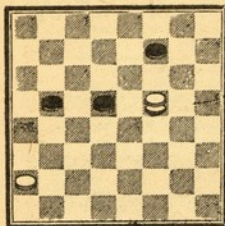
TODA A CORRESPONDENCIA DEVE SER DIRIGIDA Á R. MARQUES SÁ DA BANDEIRA, 108-3.º — LISBOA

PALAVRAS CRUZADAS • DAMAS • XADREZ • CHARADAS

DAMAS

FINAL DE JOGO

Por David Fernando Martins — Lisboa



Jogam as Brancas e ganham

ESPANPHA — 1943

1.º Campeonato Regional Canário de «Damas»

Terminou o 1.º Campeonato Regional Canário, de Jogo de «Damas» cujo resultado foi o seguinte:

1.º Mamerto Rodriguez	16	pontos
2.º Dr. Carlos Lafora	15½	>
3.º Agustín Silva	14½	>
4.º Eutiq. Hernández	14½	>
5.º Carlos Machin	14½	>
6.º Sinfiorano Casañas	11½	>
7.º Eugénio Torres	11	>
8.º José M. Armas	10	>
9.º António Lopez	9	>
10.º Jacinto Navarro	7	>
11.º Javier R. Puig	6	>
12.º Ramón Rodriguez	4½	>

No passado domingo, 7 de Novembro, efectuou-se a distribuição dos prémios no Círculo Mercantil, numa sessão solene a que assistiram autoridades e outras personalidades de destaque no meio canário.

Os prémios distribuídos foram os que a seguir indicamos:

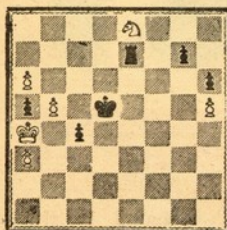
- 1.º Troféu do Ex.º Cabido Insular da Grande Canária
- 2.º Troféu da Câmara Municipal de Las Palmas
- 3.º Troféu do Círculo Mercantil
- 4.º Troféu do Clube Las Palmas
- 5.º Troféu do Clube P. A. L. A.
- 6.º Troféu do Clube Desportivo Espanhol.

O representante da casa Osborne teve a gentileza de oferecer aos concorrentes uma caixa de conhaque que foi repartida juntamente com os troféus.

XADREZ

FINAL N.º 3

Por M. Soukup
Pretas



Branças

Jogam as brancas e empatam

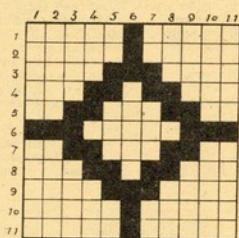
SOLUÇÃO DO FINAL N.º 2

1. C X P! (se 1. P 6 T7, P 3 R X I, seguido de P X P, e o preto ganha), R X C; 2. P 6 T! (se 2. R 5 R7, P 2 A; 3. R X P, A 6 R! e ganha), P X P; 3. R 5 R, P 4 T; 4. R X P, P 5 T; 5. R 4 C, R 3 A; 6. R 3 T, R 4 C; 7. R 2 C. Empata.

Verticais: 1-Cavas; velam. 2-América. 3-Lê; amaro; re. 4-Ala; tal. 5-Rir; pai; ama. 6-Mosa; Tejo. 7-Sim; nau; asa. 8-Una; lar. 9-la; pias; Sa. 10-Nápoles. 11-Avaro; asilo.

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 4



ENUNCIADO

Horizontais: 1-República asiática, Império situado no Oceano Pacífico, ao sul da península de Camchata e ao oriente da Manchúria, da Coreia e da China. 2-Fazer horas; em má hora (ant.). 3-Cóleras, atrás de. 4-A família; naquele lugar. 5-Existes; hospedeiro (ant.); artigo; (plural). 6-Instumento destinado à medição de ângulos. 7-Nome de letra: suplica; isolado. 8-Prefixo designativo de urina ou de cauda; Ilha do Arquipelaço de Cabo Verde, de 206 quilómetros quadrados. 9-Interjeição designativa de repulsão, raiva, desprêso; depressão entre montes. 10-Naturais; acto de celvar. 11-Cidade portuguesa; queimar.

Verticais: País que compreende uma estreita faixa de terra correspondente a toda a parte meridional da costa ocidental da América do Sul; colónia portuguesa rodeada pelos domínios da África Oriental Francesa. 2-Livro de orações; timpa (inv.). 3-Irritar; nascimento de um astro. 4-Em as; triture (inv.). 5-Mistura fluida, transparente e invisível; ferro combinado com carbóneo e endurecido pela ténpera; apelido. 6-Cabo com que se marrelam os papafigos e as velas menores, cutelos e varredoiras. 7-Neste momento; base de aviação portuguesa; aqui. 8-Altar de sacrificios; contempas. 9-O Chefe da Igreja Católica; passas para fora. 10-Molesta; preserva. 11-Terreno coberto de vegetação no meio de um deserto; cobrir de óleo.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 3

Horizontais: 1-Calar; Suíça. 2-Elimina. 3-Vá; aroma; ná. 4-Ama; par. 5-Sem; Pan; ipo. 6-Rara; asso. 7-Vir; itu; ala. 8-Eco; ses. 9-La; tajar; si. 10-Ramosas. 11-Moela; arado.

CHARADAS

APOCOPADAS

- 1) A dissimulação é apanágio de pessoa não sincera. 3-2
- 2) Pessoa diligente a tudo se adapta. 4-3
- 3) Os segredos não se divulgam; guardam-se num cofre. 3-2
- 4) A basófia é própria de pessoa fanfarrona. 3-2

SINCOPADAS

- 5) Quem engrandece a sua Pátria, seu nome glorifica. 5-4
- 6) Os grandes gestos partem dos mais fortes. 3-2
- 7) Sem justificação não há perfeição. 3-2
- 8) Um bom comandante deve ter senso comum. 3-2
- 9) O pobre não dispõe de bens. 3-2

CHARADAS

Solução das do n.º 130

- 1) Tentação
- 2) Tazelas
- 3) Vanglória
- 4) Provará
- 5) Ocupação
- 6) Dedicção
- 7) Labutação
- 8) Levantado.

Soluções do n.º 132

- 1) Transtuz
- 2) Pacata
- 3) Via.

PASSATEMPOS

Soluções do n.º 132

Carta geográfica: Mira, Pôrto, Entroncamento, Guarda, Olhão, Tomar.
Tipográfica: Subsidiário.

CORRESPONDENCIA

J. Pessoa P. (Lisboa): Recebemos e agradecemos.
Rei do Orco (Pôrto): Idem.
«Ego sum qui sum» (Pôrto): Idem. Insolúvel.
Fernando Martins (Lisboa): Muito obrigado pela atenção.
Francisco A. Henriques (Almeirim): Muito agradecidos pelas suas felicitações.

VENTURA CHAPELEIRO...

POR ZECO



— Sim, minha senhora, além destes modelos inspirados em motivos de guerra, temos outros, para pessoas de generoso coração e requintada...



...sensibilidade, chapéus armados com motivos de paz, como este, que estou certo lhe deve ficar mesmo a matar!...



— Sim! Realmente fica-me bem, mas faz-me pena trazer uma ave morta na cabeça!...



— Tem remédio!... Este modelo «gaiolas», além de humano tem esta dupla vantagem: Nos dias bonitos, poderá V. Ex.ª usar uma ave ornamental; nos dias tristes uma ave canoral!...

A GUERRA DAS DIAS ROSAS

NOVELA POR ARMANDO FERREIRA — DESENHO DE MANUEL LIMA

CHAMAVA-SE Rosa Maria e era muito branca de pele, cabelo castanho de tons fulvos, aveludada no olhar e no trato, adocicada na fala como um soneto de Petrarca ou um pastel do Cócó. Pequeninha de nascença, enroscava-se como uma gatinha, ao colo de Gonçalo, e, ali, semi-cerrando os olhos, quasi pedia licença para lhe recriminar a frieza e o descuido do seu amor egoísta.

Gonçalo então sentia-se o mais feliz dos mortais. Era amado. Amado com ternura, com suavidade, com paixão serena e firme.

Em êxtase, ouvia-a: — Não, não me resigno a esta vida de inquietação! Quero-te completamente meu! Tudo o mais morreu para além do meu amor! Que importam os negócios, os prazeres, os amigos? Só há na tua vida, meu Gonçalo, uma bênção: o halo do meu etéreo amor, sentido e profundo.

— Minha querida Rosa Maria; adoro-te! — As segundas, quartas e sextas — disse ela, a sorrir. — Nos outros dias sobrepõe-se ao teu amor o egoísmo do homem. Essas reuniões em que não pensas no colar branco dos meus braços e troças pelo ar denso do fumo dos cigarros nos cafés, esta atmosfera que eu perfume de âmbar, antes de entrares, e da quinta essência dos meus beijos, quando aqui estás... Gonçalo estava suspenso junto ao céu. Tudo desaparecia sob a música das palavras de Rosa Maria. Era feliz, o mais ditoso dos homens, — não restava dúvida alguma.

Chamava-se Maria Rosa e era muito morena de pele, cabelo negro de azeviche, penetrante no olhar, vibrante na fala, como uma voz de comando ou uma campainha eléctrica. Grande de corpo, sentava Gonçalo ao seu colo, em amplitude de mãe carinhosa, e, então, desafiava em seus rutilhos e recriminações ferozes contra a frieza e descuido do seu amor egoísta. Gonçalo, então, sentia-se o mais ditoso dos mortais. Era amado. Amado com violência, com fresnês, com paixão ardente e firme.

Em êxtase, ouvia-a: — Não, não quero, não quero e não quero! Tu és a minha vida e, para a defender, era capaz de... matar! Tudo mais morreu, para mim, além desta paixão! Manda à fava os negócios! Atrave-te a dizer que encontras prazeres noutra coisa além de estares ao pé de mim!? E, se algum amigo de boa raça, tentasse separar-te da tua Maria Rosa, arrancava-lhe a língua!

— Minha querida Maria Rosa: adoro-te! — As terças, quintas e sábados! — disse, com os dentes cerrados, com força! — Nos outros dias, meu canalha, andas na paródia, a vadear! E essas reuniões... tudo homens!? Uma noite, dá-me uma fúria e vou espertar-te! Se vejo por lá alguma «badameca» aí Gonçalo, nem sabes até onde se enterarão as minhas unhas nos teus braços!

— És uma fera... meu amor!... Gonçalo estava a arder naquele fogo de paixão. Tudo desaparecia perante o rosto transfigurado, exaltado de Maria Rosa. Era feliz, o mais ditoso dos homens! — não lhe restava dúvida alguma.

Certa manhã, tal como o sol, a lua, a estrela de alva e outros astros e fenómenos matutinos, apareceu o correio, à porta de Rosa Maria. Levava uma carta, com o seu nome originalmente escrito com dois erros de ortografia; o envelope barato e a letra coleante completavam a identificação do signatário; era a costumada carta anónima.

Rosa Maria sentiu um baque no coração; leu o endereço trezentas e cinco vezes, cheirou o papel, pôs o envelope à transparência e, depois de meia hora de reflexão, cogitações e suspiros, descolou a parte de trás, e, com lentidão e sem olhar bem de frente, para não receber qualquer má notícia de chofre, leu as infames palavras:

Cenhora:

O omen a cê a cenhora dá todos os afetos da sua alma é indigno do cêu amor o velhaço tem outra mulher cuja vai vizitar às terças, quintas e sábados.

UMA AMIGA SERTA

O rosto de Rosa Maria era branco de pergamino; o sangue desaparecera todo para confluír ao coração. Olhou em volta, vagueou o olhar por todos os objectos que o recordavam e calu no chão, amarrotada como um vestido que não acerta no cabide.

Nessa manhã, também à porta de Maria Rosa tocou o mensageiro da verdade em fardamento de cotim, mala de correio e boné de pala. Levava uma carta com o seu nome, com dois erros que só as pessoas que sabem escrever podem pôr nas cartas anónimas que redigem: Maria com dois r e Rosa com dois oo. Era, pois, indubitavelmente, uma carta anónima. Maria Rosa sentiu um calor a trepar pelo corpo todo; nem um segundo levou a arrancar a carta da mão da criada, esfrange-lhar e amarrotar o envelope e ler, atropelando as palavras, na ânsia de chegar ao fim, depressa:

Cenhora:

O omen a cê a cenhora dá todos os afetos da sua alma é um bigorrilha que tem outra tipo por cê está pelo belecinho, e vai pagar as noites de segunda, quarta e sexta.

UMA AMIGA FICHE



O rosto de Maria Rosa era vermelho papoula; o sangue confluía-lhe todo, vindo do coração. Olhou em volta, vagueou a vista por todos os objectos que o recordavam e começou a arremessá-los, um a um, de encontro às paredes; jarras, pratos, espelhos...

Saboreando a sua ventura amorosa, Gonçalo dirigia-se para casa de Rosa Maria — era quarta-feira — a reflectir que tinha de inventar qualquer pretexto para sair mais cedo, visto ter de ir ainda a casa de Maria Rosa que lhe enviara um bilhetinho a insistir por uma urgente entrevista. Gonçalo foi acolhido com o mais imprevisito e estranho cerimonia. Rosa Maria, de manto negro, olheiras fundas, o rosto sem qualquer retoque de pintura mundana, parecia uma trágica dos conflitos dramáticos d'Anunzianos. A casa, a meia luz; núvem cinzenta de qualquer perfume oriental e evolvar-se dum braseiro de cobre.

— Não ouvirás de mim lamentações, nem queixumes. Seriam armas viradas contra mim. Mas hei-de arrancar-te, à força de amor e de dedicação, a essa mulher. A ternura desfaz todas as barreiras com seu fogo lento, certo...

Gonçalo estava extasiado. De vez em quando, ouvia cair no sobrado uma lágrima cristalina, dorida, e ele voluptuosamente, quasi cínicamente, gozava aquêle sofrimento feminino: — É tudo mentira, minha filha. De ti é que eu gosto, palavrinha...

Quando saiu, impava de gozo. E, a correr, foi a casa de Maria Rosa, que lhe queria ela, aquelas horas?!

Gonçalo foi acolhido com o mais imprevisito e estranho cenário. Na saleta só havia cacos pelo chão, as cortinas arrancadas, três lençóis de seda esfrangalhados, minha Rosa, os cabelos quasi em pé, as faces vermelhas, as meninas dos olhos de fora das pálpebras (!), a ir de parede a parede, em todas as salas e corredores, descarregava com o punho fechado, pancadas pelos móveis, pelas próprias paredes.

— Ah! meu canalha! Com que então, outra mulher? Que seressa será? Pois que se prepare para eu lhe arrancar os cabelos! Natu-

(Continua na pág. 20)

VIDA MUNDIAL ILUSTRADA
DIRECTOR: JOSÉ CANDIDO GODINHO
EDITOR: JOAQUIM PEDROSA MARTINS
PROPRIEDADE DE VIDA MUNDIAL EDITORA, LIMITADA
REDAÇÃO E ADMINIST.: R. DA EMENDA, 69, 2.ª — LISBOA — TEL. P. B. X. — 2 5844